

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Marjorie Inhaquite Tischer

**MOTIVAÇÃO E PERCEÇÃO DE ESTILOS PARENTAIS DE
MENINAS PRATICANTES DE FUTEBOL**

Porto Alegre/RS

2019

Marjorie Inhaquite Tischer

**MOTIVAÇÃO E PERCEPÇÃO DE ESTILOS PARENTAIS DE
MENINAS PRATICANTES DE FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial obrigatório à obtenção do grau de Bacharel em Psicologia

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Cristina Garcia Dias

Co-orientador: Mikael Almeida Corrêa

Porto Alegre/RS

2019

Agradecimentos

Costumo dizer que a realidade é um conjunto de acontecimentos aleatórios em que nós, seres humanos, tentamos constantemente tornar menos incontroláveis. Aqui, eu gostaria de agradecer especialmente a arbitrariedade do Universo por ter entrelaçado as trajetórias de Mário e Clara Maria com a minha. Mãe, pai... obrigada por tudo. Desde o primeiro instante vocês foram os principais responsáveis por este momento. Vocês possibilitaram que este agradecimento e este trabalho pudessem ser escritos. Obrigada por serem tão compreensivos, por serem tão preocupados, por serem tão prestativos, por batalharem por nós. Obrigada por acreditarem em mim.

Agradeço à Sthefanie, não somente por ser a melhor irmã que eu poderia ter, mas por ser a minha fortaleza quando as minhas defesas estão enfraquecidas, por ser os meus raios de sol quando os meus dias tendem a nublar e por ser o meu ponto de equilíbrio quando tudo parece desmoronar. Você é a minha infinidade de lápis de cor em um mundo acinzentado.

Mãe, pai, mana: obrigada por ontem, hoje e amanhã. Eu amo vocês incondicionalmente.

Gostaria de agradecer a todas as professoras e professores que fizeram parte da minha trajetória, que me auxiliaram a desbravar os caminhos da leitura, que me aconselharam a refletir sobre a existência humana, que me mostraram os poderes da arte e da ciência e que me incentivaram a buscar aquilo que fazia sentido para mim. Saibam que eu valorizo e sou grata pelo esforço e vontade de cada um de vocês e de cada um que escolhe ser professor nesse país.

À professora Ana Cristina, minha orientadora, que me deu oportunidade de fazer parte do seu grupo de pesquisa e de trabalhar com uma área que eu vinha buscando durante todo o percurso da graduação. Ao Mikael, meu co-orientador, obrigada por me mostrar o mundo de possibilidades da Psicologia do Esporte e por me ajudar a começar a trilhar esse caminho.

Agradeço imensamente aos meus amigos Rafael, Camila, Paulo Ricardo e Guilherme por terem me acompanhado durante todos esses anos, por serem aquelas pessoas com quem eu sempre posso contar; com quem eu sempre posso compartilhar dores e alegrias. Eu já não consigo mais narrar a minha história sem a presença de vocês.

Um agradecimento em forma de abraço àquelas que tornaram a experiência da graduação mais leve, alegre e significativa: Caroline, Giulia, Luíza, Meirielen, Pietra, Shayane, Sophia e Thaís. Vocês todas permitiram que estes 5 anos fossem marcados por risadas, ombros para chorar e mãos para reerguer. Vocês foram a melhor rede de apoio afetivo que eu não esperava tecer. Aprendi que o inesperado também traz ternura.

Enfim,

Obrigada.

Sumário

Resumo	6
Introdução	7
Futebol feminino no Brasil	9
Estilos parentais e o engajamento dos filhos em esportes e atividades físicas	11
Motivação para a prática de esportes	13
Método	15
Participantes	15
Instrumentos	16
Procedimentos	18
Coleta de dados	18
Procedimentos éticos	19
Resultados e Discussão	19
Motivação	20
Estilos Parentais	24
Análise temática das entrevistas	29
Conclusão	41
Referências	45
Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido	54
Anexo B - Termo de assentimento	55
Anexo C - Termo de concordância institucional	56
Anexo D - Ficha de caracterização dos participantes	58
Anexo E - Inventário de motivação à prática regular de atividade física - IMPRAF-54	60
Anexo F - Escala de estilos parentais	63
Anexo G - Entrevista semiestruturada	64

RESUMO

O futebol é o esporte mais praticado entre os brasileiros. Entretanto, a sua vasta maioria de praticantes são homens. O pequeno número de mulheres praticando futebol está relacionado ao fato do futebol feminino ser historicamente desencorajado e negligenciado no país. As mulheres brasileiras também praticam menos esportes, quando comparadas aos homens, de modo a usufruírem em menor nível dos benefícios associados a tais práticas ao longo do desenvolvimento. Entende-se que compreender as vivências de meninas no futebol pode contribuir para um maior estímulo à prática de esportes por meninas adolescentes e para aprimorar o trabalho realizado junto aos pais e às escolas de iniciação esportiva que contemplem esta população. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi avaliar as dimensões de motivação para a prática do esporte e a percepção dos estilos parentais de meninas adolescentes que praticam futebol. Além disso, foram investigadas possíveis correlações entre as dimensões motivacionais e os estilos parentais das meninas. Para a coleta dos dados, foi aplicado um questionário sociodemográfico, um instrumento para avaliar as dimensões motivacionais da prática esportiva, uma escala de exigência e responsividade e uma entrevista semiestruturada. Participaram do estudo 36 atletas do sexo feminino, entre 11 e 17 anos, que praticam futebol em um clube profissional de Porto Alegre/RS. Verificou-se que as dimensões Prazer, Saúde e Sociabilidade foram as que mais motivam as adolescentes a praticarem o futebol. As participantes perceberam as mães como mais exigentes e responsivas. Houve discordância entre os estilos parentais adotados pelos pais. As mães das atletas foram percebidas como predominantemente autoritativas e os pais como negligentes e autoritativos. No estilo combinado, os pais foram mais frequentemente percebidos como negligentes. Não se evidenciou associação entre os estilos parentais e as dimensões motivacionais. Na análise das entrevistas, percebeu-se diversos tipos de apoio parental em relação a prática do futebol. Também foram relatados os receios parentais sobre o esporte praticado pelas filhas, a influência de figuras masculinas para o início da prática e o reconhecimento das barreiras histórico-estruturais da modalidade.

Palavras-chave: Motivação; Estilos Parentais; Futebol feminino; Psicologia do esporte.

INTRODUÇÃO

Em resposta ao aumento dos níveis globais de sedentarismo, a literatura científica tem demonstrado os fatores benéficos e promotores de saúde física e mental relacionados à prática regular de atividade física (Silva & Costa Jr, 2011; Mello et al., 2005). De modo geral, independentemente do grupo etário, a prática da atividade física sistematizada está associada a melhores níveis de bem-estar, à melhora na qualidade do sono e à redução dos níveis de estresse, de sintomas depressivos e de ansiedade. Além disso, a prática de exercícios físicos pode ser um fator de prevenção a doenças cardiovasculares, a diabetes e a osteoporose (Silva & Costa Jr., 2011), estando também relacionada a melhoras nas funções cognitivas, à regulação metabólica, ao ciclo sono-vigília e ao aumento de neurotransmissores ligados ao prazer (Mello et al., 2005).

Visando a conscientização político-social e a promoção de ações que incentivassem a busca pela prática de atividades físicas no Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o antigo Ministério do Esporte, investigou a prática de esportes e atividades físicas da população brasileira através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2015. Os resultados demonstraram que quase 39 milhões de pessoas com 15 anos ou mais praticaram algum esporte em um período de um ano no país, representando apenas 24% da população entrevistada (IBGE, 2017). Segundo essa pesquisa, os homens brasileiros apresentam maior participação na realização de algum esporte ou atividade física, representando quase 54% do número total de praticantes.

O IBGE (2017) também concluiu que a população mais jovem, de 15 a 24 anos, representa o maior percentual de praticantes de esportes no país. Ao mesmo tempo, destaca-se o aumento dos níveis de sedentarismo desse grupo etário no Brasil e no mundo, principalmente entre as mulheres (Silva & Costa Jr, 2011). Ainda segundo essa investigação do IBGE (2017), o futebol foi a modalidade esportiva mais praticada pela população brasileira, representando 39,3% dos praticantes de esporte ou um pouco mais de 15 milhões

de pessoas. O esporte mais popular do país foi praticado majoritariamente por homens, que corresponderam a 94,5% dos praticantes dessa modalidade. A discrepância entre o percentual de participantes por sexo pode ser explicado pela trajetória conturbada do futebol feminino no Brasil, marcada por preconceitos, impedimentos legais, desvalorizações e falta de investimentos (Balardin et al., 2018; Costa, 2018; Gavião, Falcão & Ilha, 2018; Goellner & Kessler, 2018; Darido, 2002).

Em resumo, os estudos demonstram que a prática regular de atividades e exercícios físicos durante a infância e adolescência contribui para o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional dos jovens (Gotova, 2015; Silva & Costa Jr., 2011), estando associada a melhores níveis de autoestima, autorrealização, autoeficácia e bem-estar. A prática de exercícios físicos na infância e adolescência também é promotora de socialização e de interações sociais mais positivas entre os jovens (Almeida, Pereira & Fernandes, 2018). Contudo, percebe-se que as mulheres brasileiras praticam menos esportes e atividades físicas, quando comparadas aos homens, de modo a usufruírem em menor nível dos benefícios associados a tais práticas ao longo do desenvolvimento.

O futebol, que é o esporte mais praticado no país, ainda é associado a figuras masculinas e majoritariamente praticado por homens. Desse modo, este estudo pretende explorar as vivências de adolescentes brasileiras que praticam futebol, a fim de compreender quais fatores contribuem ou dificultam o seu contato com a prática desta modalidade, como, por exemplo, a influência do contexto familiar e as motivações pessoais das praticantes. Nas próximas seções, será apresentado um breve histórico do futebol feminino no Brasil. Posteriormente, também será explorada a influência dos pais na prática de esportes durante a adolescência, bem como os fatores motivacionais que estão associados a tais práticas. Por fim, serão apresentados os objetivos gerais e específicos deste estudo e suas hipóteses de pesquisa.

Futebol feminino no Brasil

Os primeiros registros de partidas de futebol organizadas entre mulheres no Brasil datam as primeiras décadas do século XX. As partidas eram disputadas principalmente entre times de bairros da cidade de São Paulo (Balardin et al., 2018; Goellner & Kessler, 2018; Goellner, 2005). Nesse contexto sócio-histórico, segundo Goellner & Kessler (2018), ocorriam questionamentos e transformações do papel das mulheres na sociedade brasileira e o início da prática do futebol feminino desafiou os discursos hegemônicos de feminilidade.

O futebol, assim como os esportes em geral, era relacionado à expressão de masculinidade (Darido, 2002). Com a origem de partidas entre mulheres no país, surgiram discursos midiáticos apoiados pelos especialistas em saúde da época que argumentavam que a prática da modalidade era incompatível com a "natureza feminina" (Costa, 2018), envolvendo aspectos que não eram considerados femininos, como agressividade, competitividade, força física, desenvolvimento de habilidades motoras, e, portanto, as mulheres que o praticassem corriam riscos de saúde e de se "masculinizarem" (Ventura & Hirota, 2007).

A barreira sociocultural imposta pelas representações de feminilidade e masculinidade da época logo se tornou também em uma barreira constitucional. Em 1965, o Conselho Nacional dos Desportos oficializou uma resolução que proibia a prática de esportes como futebol, futsal, lutas em geral, rugby, pólo aquático, baseball e halterofilismo pelas mulheres (Goellner, 2005; Darido, 2002). Esse impedimento legal durou pouco mais de uma década, mas foi o suficiente para que se dificultasse o desenvolvimento do futebol feminino no país. Os principais clubes esportivos não investiram na formação de jogadoras, também não era possível realizar torneios e campeonatos e, dessa forma, a profissionalização da modalidade foi ficando cada vez mais distante (Goellner & Kessler, 2018). Por consequência, mesmo a prática recreativa foi dificultada e severamente desencorajada no país, com relação ao público feminino.

Apesar de alguns avanços recentes terem se concretizado, o futebol feminino do Brasil ainda enfrenta seus principais obstáculos e adversidades históricas, como a falta de estrutura física e organização, a falta de investimento de clubes esportivos, federações e do poder público, e a sub-representação na mídia (Costa, 2018; Goellner & Kessler, 2018). Além disso, a modalidade enfrenta os efeitos da desigualdade de gênero, que se refletem principalmente no pouco incentivo ou no desencorajamento sociocultural para a prática do esporte pelas meninas, bem como nos salários e premiações extremamente mais baixos quando comparados com a modalidade masculina (Teixeira & Caminha, 2013; Goellner & Kessler, 2018; Goellner, 2005).

Entre as medidas existentes para reverter esse quadro, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) tem como um dos seus objetivos a valorização do futebol feminino pelos principais clubes da América Latina (Costa, 2018). A meta é que, até o ano de 2019, todas as equipes masculinas que participam das competições organizadas pela CONMEBOL possuam ou estejam associadas a departamentos femininos. Infelizmente, essa medida sozinha não promove melhorias imediatas à situação do futebol feminino, pois não existem comitês especializados para a fiscalização das condições de trabalho dentro dos clubes. Desse modo, a concretização de investimentos em infraestrutura para a modalidade permanece distante.

Apesar de todas essas barreiras e dificuldades provenientes de um conjunto de discursos e valores sócio-históricos, meninas e mulheres de todo o país continuam praticando e amando o esporte. O baixo investimento financeiro e a falta de políticas públicas de incentivo ao futebol feminino acarretam em uma mobilização dos familiares e pessoas próximas as jogadoras, que acabam arcando com as despesas médicas, de deslocamento e de equipamentos. Sem o fornecimento de subsídios de federações ou dos clubes para os gastos relacionados aos treinos e jogos, o apoio familiar é um dos pilares que vem sustentando a modalidade no país (Costa, 2018; Kessler, 2015).

Estilos parentais e o engajamento dos filhos em esportes e atividades físicas

Nas últimas décadas, diversos estudos investigaram como o suporte parental ou os estilos parentais dificultam ou contribuem para o envolvimento das crianças e adolescentes nos esportes (Serrano et al., 2017; Todisco et al., 2017; Momesso et al., 2016; Teques & Serpa, 2013; Gomes, 2010; Silva & Fleith, 2010). Teques e Serpa (2013) consideram que o apoio parental no esporte é um processo dinâmico ao longo dos estágios desenvolvimentais. A primeira etapa desse processo é marcada pela introdução a determinadas práticas esportivas às crianças realizada pelos pais, que passam a ser fundamentais para o prosseguimento, manutenção e desenvolvimento da prática esportiva infanto-juvenil (Silva & Fleith, 2010). Após a introdução ao esporte, os pais passam a apoiar e investir financeiramente, emocionalmente e motivacionalmente a prática esportiva do filho (Vissoci et al., 2013; Momesso et al., 2016).

O suporte parental pode exercer tanto influências positivas quanto negativas na experiência esportiva dos jovens (Momesso et al., 2016; Silva & Fleith, 2010; Weinberg & Gould, 2008). As figuras parentais contribuem na percepção de competências, na autoestima, na motivação e na autorrealização dos filhos (Momesso et al., 2016). Esses efeitos positivos ocorrem principalmente quando os pais acompanham os treinamentos e competições, se envolvem com os clubes e fornecem *feedback* sobre o desempenho dos filhos (Serrano et al., 2017). A literatura também aponta para alguns efeitos negativos provenientes do desinteresse, falta de investimento afetivo e motivacional ou superproteção dos pais. Esses efeitos negativos costumam estar associados ao aumento dos níveis de estresse, desmotivação, autoavaliações negativas e até abandono esportivo por parte dos jovens atletas (Momesso et al., 2016; Pizzo et al., 2016; Ribeiro, 2014).

Com relação às diferenças entre gêneros, Todisco et. al (2017) aponta que as meninas apresentam uma chance quase três vezes maior de não praticarem algum tipo de esporte ou atividade física se não apresentarem apoio social adequado, e também pode haver diferenças

no suporte dos pais em relação à prática de atividades físicas (Mota & Sallis, 2002) com menos apoio direcionado às meninas. No mesmo sentido, Vissoci et al. (2013) constataram que esportes com pouca estruturação, como o futsal feminino, necessitam de maior suporte parental para a continuidade da prática. Sendo assim, conhecer os efeitos do suporte familiar pode auxiliar na elaboração de estratégias de incentivo a prática de esportes e atividades físicas pela população jovem (Todisco et al., 2017), especialmente para meninas, considerando as diferenças de estilos e suportes parentais em função dos estereótipos de gênero.

Os estilos parentais são um conjunto de atitudes e comportamentos que os pais expressam e que perpassam as relações emocionais e hierárquicas que compõem a dinâmica com os filhos. Esses padrões de atitudes e comportamentos são baseados em crenças valorizadas pelos pais e que visam a socialização dos filhos (Vasconcelos-Raposo et al., 2015; Teixeira & Lopes, 2005; Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004).

Inicialmente, Baumrind (1967, 1971) classificou os estilos parentais em autoritário, autoritativo e permissivo. Após aprimoramentos teóricos, Maccoby e Martin (1983) identificaram duas dimensões nos estilos parentais, a responsividade e a exigência. A dimensão da responsividade refere-se a capacidade dos pais de demonstrar afeto, de se comunicar de forma clara, de incentivar o desenvolvimento da autonomia, de oferecer apoio emocional, de ser compreensivo, de valorizar os interesses e reconhecer as necessidades dos filhos. Já a dimensão exigência diz respeito às atitudes dos pais que visam o controle e monitoramento do comportamento dos filhos, o estabelecimento de regras, a cobrança e a disciplina (Vasconcelos-Raposo et al., 2015; Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004). A partir disso, Maccoby e Martin (1983) também dividiram o estilo permissivo em dois padrões: indulgente e negligente. As dimensões responsividade e exigência estão presentes em maior ou menor nível de acordo com o estilo parental: estilo autoritativo (alta responsividade e alta exigência), estilo autoritário (baixa responsividade e alta exigência), estilo indulgente (alta

responsividade e baixa exigência) e estilo negligente (baixa responsividade e baixa exigência) (Ribeiro, 2014; Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004).

Considerando resultados de outros estudos que possuem um grupo amostral com características sociodemográficas (sexo e faixa etária) semelhantes às das participantes dessa pesquisa, supõe-se que o estilo parental predominante seja ou o autoritativo ou o negligente (Rinhel-Silva, Constantino e Rondini, 2012; Pacheco, Silveira e Schneider, 2008; Reichert e Wagner, 2007; Hutz e Bardagi, 2006). Também espera-se que as participantes percebam maiores níveis de exigência e de responsividade maternos em comparação com os níveis paternos (Rinhel-Silva, Constantino e Rondini, 2012; Pacheco, Silveira e Schneider, 2008; Reichert e Wagner, 2007; Hutz e Bardagi, 2006; Teixeira, Bardagi e Gomes, 2004).

Os estudos correlacionando os tipos de estilos parentais com o construto da motivação demonstram, em sua maioria, que estilos parentais com maior suporte emocional estão associados a motivação intrínseca dos atletas jovens (Nascimento Junior et al., 2017; Mizoguchi, Balbim e Vieira, 2013; Vieira et al., 2013; Vissoci et al., 2013), já os caracterizados por superproteção e rejeição estão associados a fatores motivacionais extrínsecos e à desmotivação das crianças e adolescentes praticantes de algum esporte (Nascimento Junior et al., 2017; Mizoguchi, Balbim e Vieira, 2013; Vieira, et al., 2013).

A partir disso, esta pesquisa trabalha com as hipóteses de que estilos parentais com altos níveis de responsividade e exigência (estilo parental autoritativo) estariam associados a dimensões ligadas à motivação intrínseca das filhas para a prática de esportes (e.g., prazer pela prática). Já níveis muito altos de exigência e baixos de responsividade (estilo parental autoritário) poderiam se associar a dimensões ligadas à motivação extrínseca, como a competitividade e saúde. A seguir, serão aprofundados os conceitos de motivação associada à prática de esportes e a possível influência dos estilos parentais nessa variável.

Motivação para a prática de esportes

A motivação é um processo psicológico associado a direção e a intensidade dos comportamentos individuais voltados a determinadas metas (Gonçalves & Alchieri, 2010; Weinberg & Gould, 2017; Hirota, Schindler & Villar, 2010). A motivação para a prática de atividades físicas e de esportes é um dos tópicos mais investigados pela literatura referente a área da Psicologia do Esporte (Vieira, Nascimento Junior & Vieira, 2013; Gaya & Cardoso, 1998). Segundo Weinberg & Gould (2017), os psicólogos do esporte consideram que a motivação geralmente resulta da interação entre as características individuais (traços de personalidade, objetivos, interesses) e os fatores ambientais ou situacionais (prêmios, companheiros de time, dinheiro) .

No contexto esportivo, quando o indivíduo se engaja na atividade devido aos seus interesses próprios, quando permanece na atividade pelas sensações de prazer e satisfação ao executá-la e quando percebe suas competências e autoeficácia em sua realização, ele está intrinsecamente motivado. Já quando a atividade é realizada devido a pressões externas ou a recompensas externas (dinheiro, fama, prêmios), o indivíduo está extrinsecamente motivado (Balbinotti et al., 2011; Weinberg & Gould, 2017). Apesar da motivação extrínseca poder influenciar positivamente nos níveis de motivação intrínseca, um foco excessivo em reforçadores extrínsecos pode ser prejudicial, podendo contribuir para a perda de interesse na atividade praticada (Weinberg & Gould, 2017). A maior parte das crianças e jovens que praticam algum esporte apresentam altos níveis de motivação intrínseca (Weinberg & Gould, 2017).

Com a população se tornando gradativamente menos ativa fisicamente, o estudo dos fatores motivacionais que levam as pessoas a praticarem, aderirem e permanecerem em suas atividades físicas ou esportes pode contribuir para que profissionais de diversas áreas desenvolvam estratégias e projetos que incentivem a busca pelos benefícios físicos e psicológicos de uma vida mais ativa (Pires, 2017; Gonçalves et al., 2015). Além disso, a

compreensão dos motivos para a prática esportiva dos jovens (parcela da população mais ativa fisicamente) pode servir de base para estruturação de ambientes que aumentem os níveis motivacionais dos indivíduos (Weinberg & Gould, 2017).

Segundo a revisão de literatura de Balbinotti et al. (2011), estudos demonstram que existem diferenças entre os níveis e dimensões motivacionais quando se analisam as variáveis sexo e faixa etária. Além dessas diferenças, o nível socioeconômico, o local e contexto de prática e questões culturais também podem afetar a motivação dos praticantes de atividades físicas ou esportivas (Gonçalves et al., 2015; Weinberg & Gould, 2017). Considerando os fatores acima colocados, o objetivo deste estudo é investigar quais são os aspectos motivacionais que levam as meninas a praticarem esta modalidade, que é histórica e culturalmente sub-representada e praticada em sua vasta maioria pelo sexo masculino.

Espera-se que as participantes se motivem mais intrinsecamente, apresentando o prazer como o principal aspecto motivacional para a prática do futebol, seguido de fatores motivacionais extrínsecos como competitividade, saúde e sociabilidade. Apesar de alguns estudos demonstrarem que atletas do sexo feminino costumam dar preferência por fatores motivacionais ligados a manutenção ou promoção de saúde e forma física (Januário et al., 2012; Paim, 2001), acredita-se que o contexto competitivo que preza pelo alto rendimento e desempenho, no qual estão inseridas, possa elevar os níveis dos aspectos de competitividade entre as participantes desse estudo. Além disso, será investigado as possíveis associações entre os níveis de exigência e responsividade dos pais e os fatores motivacionais apresentados pelas filhas atletas. Tais informações serão complementadas por dados qualitativos, a fim de acessar a percepção das participantes sobre a influência dos estilos parentais sobre sua motivação para a prática do futebol.

MÉTODO

Participantes

A pesquisa foi realizada com as equipes femininas (Sub-14 e Sub-16, atletas com idades entre 11 e 17 anos) de um clube de futebol de Porto Alegre/RS que possui associação com uma escola de iniciação à prática esportiva. As subcategorias contavam com 48 atletas e 36 delas participaram desta pesquisa. Foram utilizados como critérios de inclusão para as participantes deste estudo: (1) estar associada ao clube em que foi realizada a coleta de dados; (2) assentir em colaborar com o estudo após apreciação do termo de assentimento; (3) apresentar consentimento dos pais ou responsáveis para a colaboração no estudo. Portanto, foram considerados como critérios de exclusão o não cumprimento de ao menos um destes critérios apresentados. A amostra do estudo foi realizada por conveniência, conforme o número de atletas do clube que preencheram os critérios de inclusão para participar da pesquisa.

Instrumentos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento, Termo de Concordância institucional e Ficha de caracterização dos participantes (Anexos A, B, C e D): após apresentar o termo de assentimento e o termo de consentimento dos pais e responsáveis, ambos assinados favoravelmente à participação e contendo as informações exigidas pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia (UFRGS) e das normativas em vigência, as participantes preencheram uma ficha com dados sociodemográficos, que incluía informações como idade, renda familiar, escolaridade e tempo de prática da modalidade.

Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física e/ou Esporte (IMPRAF-54) (Anexo E): elaborado por Barbosa e Balbinotti (2006), o IMPRAF-54 é um instrumento que avalia a motivação para a realização de atividade física regular a partir de 6

dimensões motivacionais. Este instrumento foi construído utilizando como referencial teórico a Teoria da Autodeterminação (TAD) de Deci e Ryan (1985). A TAD sugere a divisão de três fatores motivacionais que podem influenciar o comportamento autodeterminado dos indivíduos: a motivação intrínseca, a motivação extrínseca e a amotivação (Ryan & Deci, 2000a; Ryan & Deci, 2000b).

O IMPRAF-54 é composto por 6 dimensões com fatores que motivariam ou não os indivíduos a praticarem atividades físicas e/ou esportes, são elas: dimensão Controle de Estresse (Ce), que avalia o quanto a prática física ou esportiva é utilizada para minimizar os impactos negativos das situações estressantes do cotidiano; dimensão Saúde (Sa), que avalia em que nível os indivíduos utilizam a prática de atividades físicas e esportivas com o objetivo de promover e manter qualidade de vida através dos seus benefícios físicos e psicológicos; dimensão Sociabilidade (So), que avalia a motivação para manter relações e interações sociais que resultam em amizades e sensações de pertença através do esporte; dimensão Competitividade (Co), que está ligada aos aspectos da competição, como comparação de desempenho, demonstrações de habilidade e desejo de vencer; dimensão Estética (Es), que avalia a motivação direcionada a buscar um corpo que se enquadre em padrões estéticos pré-determinados e/ou construídos pelo contexto sociocultural; e, por último, a dimensão Prazer (Pr), que representa o principal aspecto da motivação intrínseca, segundo a teoria da autodeterminação de Deci e Ryan (1985), que está associada à satisfação e divertimento relacionados à atividade física ou ao esporte.

O instrumento apresenta 54 itens agrupados em 6 quadros de 6 itens, de maneira que os itens estão dispostos segundo a seguinte sequência das dimensões motivacionais: Controle de Estresse ($\alpha = 0,89$), Saúde ($\alpha = 0,87$), Sociabilidade ($\alpha = 0,94$), Competitividade ($\alpha = 0,94$), Estética ($\alpha = 0,91$) e Prazer ($\alpha = 0,82$) (Barbosa & Balbinotti, 2006). Por fim, o instrumento contém um bloco de 6 itens, que correspondem à uma escala de verificação (i.e.,

questões repetidas). As respostas são obtidas através de uma escala bidirecional do tipo Likert de 5 pontos, sendo 1 = "isto me motiva pouquíssimo" e 5 = "isto me motiva muitíssimo".

Escala de Estilos Parentais (Anexo F): a avaliação dos estilos parentais foi realizada através da Escala de Estilos Parentais elaborada por Teixeira, Bardagi e Gomes (2004), que mede exigência e responsividade parental a partir da percepção de adolescentes. O instrumento é composto por 24 itens, sendo 12 itens para escala de exigência e 12 itens para escala de responsividade. Os participantes respondem aos itens em relação à mãe e ao pai. As respostas são obtidas através de uma escala do tipo Likert de 5 pontos. Os índices alphas de Cronbach dos itens do instrumento variam de 0,78 a 0,93 (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004).

Entrevista semiestruturada (Anexo G): após a aplicação dos instrumentos, 7 participantes foram convidadas a responder uma entrevista semiestruturada com perguntas sobre a sua trajetória no futebol elaboradas pela pesquisadora. A entrevista contou com 8 perguntas sobre: (1) início da prática, (2) significado pessoal do esporte, (3-4) percepções da opinião dos pais sobre a prática, (5) apoio parental no esporte, (6) possíveis situações de preconceito, (7) conhecimento sobre futebol feminino brasileiro e (8) continuidade da prática durante a vida adulta.

PROCEDIMENTOS

Coleta de dados

Previamente à pesquisa, foram realizados contatos presenciais com os profissionais responsáveis pela escola (diretora geral e professores), explicando os objetivos, a relevância e os procedimentos do estudo. Após a concordância do clube, a pesquisadora responsável visitou as turmas para a apresentação da pesquisa e dos termos de assentimento e consentimento, e para combinar uma data para a entrega dos mesmos e a coleta de dados propriamente dita. Antes de proceder com a pesquisa com todas as atletas, foram realizados

testes-piloto com 3 atletas voluntárias (com seu assentimento e consentimento de pais e responsáveis), a fim de identificar possíveis adequações necessárias na apresentação dos questionários (por exemplo, aspectos gráficos ou formulação das questões). Após esta etapa, a coleta de dados geral foi realizada presencialmente com as demais participantes, no local onde elas geralmente treinam. As atletas responderam aos instrumentos em grupos, anterior ou posteriormente à realização dos treinamentos.

Procedimentos éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (CAAE nº: 19693019.7.0000.5334). Os responsáveis pelas participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), onde poderia ser afirmada ou recusada a participação das jovens futebolistas. As atletas também assinaram o Termo de Assentimento (Anexo B), onde poderia ser afirmada ou recusada a aceitação do sujeito de pesquisa em participar voluntariamente da pesquisa proposta. Ambos os documentos apresentaram a descrição da natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos que esta pudesse acarretar, e foram redigidos conforme propõe a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletados dados de 36 atletas adolescentes de um clube de futebol de Porto Alegre/RS com idades entre 11 e 17 anos, com média de 14 anos (DP = 1,46). As atletas possuíam média de 7,22 anos (DP = 2,52) de tempo de prática. Quanto à escolaridade, 25 meninas (69,4%) se encontram no Ensino Fundamental e 11 meninas (30,6%) cursam o Ensino Médio. Em relação à escolaridade dos pais, as mães possuem um maior nível de escolaridade em comparação com os pais. O relato das filhas demonstra que 14 mães (38,5%) possuem ensino superior completo e/ou pós-graduação e 10 mães (27,8%) apresentam ensino

médio completo, enquanto os pais, 11 (30,5%) possuem ensino superior completo e/ou pós-graduação, 7 (19,4%) possuem ensino médio completo e 7 (19,4%) possuem ensino fundamental incompleto.

Com base nas informações relatadas no questionário sociodemográfico, as participantes foram divididas em 4 estratos socioeconômicos, com maior porcentagem de meninas com renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos (52,9%), seguido de renda entre 4 e 6 salários mínimos (23,5%), renda entre 7 e 10 salários mínimos (14,7%) e renda de mais de 10 salários mínimos (8,8%). A maior parte das adolescentes (66,7%) se autodeclarou branca.

Os dados obtidos pelos instrumentos foram analisados no software SPSS 20 (*Statistical Package for the Social Sciences*). A partir do teste de Kolmogorov-Smirnov ($p < 0,05$), foram verificados os índices de normalidade da distribuição amostral das dimensões do IMPRAF-54 (Barbosa & Balbinotti, 2006) e da escala de exigência e responsividade (Texeira, Bardagi & Costa, 2004). Os resultados demonstraram que não houve aderência à normalidade em nenhuma das dimensões e escalas dos instrumentos. Sendo assim, utilizaram-se testes não-paramétricos para as comparações de médias e correlações entre as variáveis. A seguir, os resultados serão apresentados em três conjuntos de análises: (1) motivação; (2) estilos parentais; e (3) análise temática das entrevistas.

Motivação

Os valores das médias encontrados nas dimensões do IMPRAF-54 demonstram que o Prazer ($X = 35,91$) é a dimensão que mais motiva este grupo de jovens praticantes de futebol, seguido por Saúde ($X = 33,68$), Sociabilidade ($X = 33,62$) e Competitividade ($X = 33,02$). Já as dimensões Estética ($X = 28,25$) e Controle de Estresse ($X = 26,34$) foram as menos motivadoras para as adolescentes. Os valores de média e desvio-padrão das dimensões motivacionais estão demonstradas na Tabela 1.

Tabela 1 - Estatísticas de tendência central da amostra

Dimensões	Tendência central e não central	
	X _(DP)	Mín-Máx
Controle de Estresse	26,34 _(7,27)	12-43
Saúde	33,68 _(5,34)	21-40
Sociabilidade	33,62 _(5,43)	22-40
Competitividade	33,02 _(6,37)	13-40
Estética	28,25 _(8,23)	8-40
Prazer	35,91 _(3,81)	24-40

X: média; DP: desvio-padrão

Esses resultados vão ao encontro da literatura ao demonstrar que, para os atletas infanto-juvenis, independentemente do sexo, o Prazer é o principal fator motivacional para a prática esportiva (Balbinotti, Saldanha & Balbinotti, 2009; Balbinotti et al. 2010). Esse resultado mostra que as participantes são intrinsecamente motivadas a praticar o futebol, ou seja, a sua prática está associada ao prazer e satisfação de conhecer, explorar e dominar o esporte por vontade própria (Gonçalves et al., 2015). Mesmo inseridas em um ambiente esportivo de alto rendimento, onde existem cobranças por desempenho, rotinas de treino sistematizadas e metas a serem alcançadas, as adolescentes parecem considerar a prática do futebol também como uma atividade de lazer, que proporciona diversão. Estes aspectos ligados à dimensão motivacional Prazer costumam estar relacionados à permanência na prática esportiva (Gonçalves et al., 2015), e devem continuar sendo estudados para que se

possam implementar projetos de incentivo a prática física e esportiva para a população de crianças e adolescentes.

Entretanto, diversos estudos ressaltam que quando as demais dimensões motivacionais são comparadas entre os sexos, faixas etárias e contextos de práticas, algumas diferenças se tornam mais evidentes, apesar de não existir um consenso sobre estas. Por exemplo, alguns estudos demonstram que praticantes do sexo masculino atribuem maior importância a motivos como saúde, competição e status, enquanto praticantes do sexo feminino valorizam mais o prazer e a socialização (Januário et al., 2012). As participantes da presente pesquisa apresentam resultados semelhantes com estes estudos, pois o Prazer esteve como principal fator motivacional e a Socialização como o terceiro fator motivacional mais importante. Esses resultados podem indicar que esse grupo de jogadoras considera que o futebol, além de proporcionar satisfação pessoal, também é um meio para socializar e formar laços de amizade. As interações sociais promovidas pela prática esportiva podem possibilitar melhores níveis de bem-estar, autoestima e de autoeficácia entre os jovens atletas (Balbinotti, Saldanha & Balbinotti, 2009; Balbinotti & Capozzoli, 2008).

Outros estudos demonstram que as meninas consideram fatores relacionados à manutenção e promoção da saúde e à autoimagem, enquanto os meninos dão mais importância à performance e à competição (Paim, 2001; Januário et al., 2012). As participantes do presente estudo também consideraram a manutenção da saúde como uma das dimensões motivacionais mais significativas para a prática do esporte. A dimensão Saúde é considerada um fator motivacional extrínseco, pois, geralmente os indivíduos são influenciados pelas percepções sociais de saúde que são difundidas pelos meios de comunicação, por profissionais de saúde e por familiares. Dessa forma, muitas vezes busca-se a atividade física ou esportiva para prevenir doenças e manter hábitos que proporcionam benefícios à saúde (Gonçalves et al. 2015; Balbinotti et al., 2011; Gonçalves & Alchieri, 2010). Contudo, os sujeitos passam a identificar a prática da atividade como algo importante

para si, mesmo que não apresentem altos níveis de prazer ao realizá-la (Balbinotti et al., 2011; Balbinotti & Capozzoli, 2008). No presente trabalho, a dimensão Saúde aparece como segundo fator motivacional mais importante, podendo indicar que esse grupo de atletas acredita que a prática do futebol pode auxiliar na promoção da saúde física e mental.

Apesar de não estar comumente associada a atletas do sexo feminino, esperava-se que o contexto de alto rendimento pudesse influenciar as atletas em relação à dimensão motivacional Competitividade. Entretanto, ela aparece somente como a quarta dimensão mais motivadora para as participantes, corroborando com os estudos de Balbinotti, Saldanha e Balbinotti (2009), Lores et al. (2004) e Paim (2001). Estes mesmos estudos demonstram a competição como um fator motivacional bastante relevante para prática esportiva de atletas do sexo masculino. Esse fato pode estar relacionado a aspectos socioculturais pelos quais os meninos, desde muito cedo, são mais incentivados a desenvolver habilidades físicas, praticar algum tipo de esporte e a competir esportivamente (Balbinotti, Saldanha & Balbinotti, 2009).

Os resultados para a dimensão Estética, quinta mais motivadora entre as participantes, se diferenciam daqueles encontrados por Lores et al. (2004) e Balbinotti et al. (2007), que demonstram que a estética é uma dimensão motivacional mais associada a praticantes do sexo feminino. Por outro lado, os resultados desse estudo são semelhantes aos de Balbinotti, Saldanha e Balbinotti (2009) e Fontana et al. (2013) que mostram que este fator motivacional não é tão significativo para as praticantes. A estética é um fator motivacional que pode ser influenciado pelo tipo de atividade física ou esportiva. Por exemplo, estudos com ginastas e corredores demonstraram que a Estética é uma das principais dimensões motivadoras para a prática (Balbinotti & Capozzoli, 2008; Balbinotti et al., 2007). Porém, para praticantes de futebol, esta dimensão não parece ser um aspecto motivacional relevante (Gavião, Falcão & Ilha, 2018).

A dimensão Controle de Estresse foi a dimensão menos motivadora para as adolescentes, corroborando com outros estudos envolvendo jovens atletas dos mais variados esportes (Balbinotti et al., 2012; Balbinotti, Saldanha & Balbinotti, 2009; Pacheco, 2009). Alguns estudos apontam que a importância dessa dimensão costuma ser influenciada pela faixa etária e pelo contexto da prática. O Controle de Estresse está entre as dimensões mais motivadoras quando se investiga populações de adultos e praticantes de esportes recreativos ou amadores (Gavião, Falcão & Ilha, 2018; Gonçalves et al., 2015).

Estilos Parentais

As estatísticas descritivas das escalas de exigência e responsividade estão apresentadas na Tabela 2. Para a amostra deste estudo, os índices de consistência interna (alfa de Cronbach) para a escala de estilos parentais foram considerados excelentes, com valor total de 0,93.

Tabela 2 - Medidas de centralidade para as escalas de exigência e responsividade

Variáveis	Med	X	DP
<i>Exigência</i>			
Pais ^(*)	38,5	36,11	8,89
Mães	42	41,16	4,87
Combinada	78	75,27	14,72
<i>Responsividade</i>			
Pais ^(*)	39,5	37,61	8,74
Mães	44	42,19	5,95
Combinada	82	77,72	16,62

Med: Mediana; X: Média; DP: Desvio-padrão; (*) 2 participantes não responderam esta parte da escala.

Observou-se que as mães apresentaram escore médio de 42,19 (DP = 5,95) e os pais apresentaram escore médio de 37,61 (DP = 8,74) para a dimensão responsividade. Em relação à exigência, as mães apresentaram escore médio de 41,46 (DP = 4,87) e os pais escore médio de 36,11 (DP = 8,89).

Para comparação de médias entre os escores de pais e mães, foi utilizado o teste não-paramétrico Wilcoxon para uma amostra relacionada. Os resultados demonstraram que há uma diferença significativa entre os escores atribuídos a pais e mães para exigência ($p = 0,002$) e também para responsividade ($p < 0,001$), sendo que as mães apresentaram médias superiores em ambas dimensões. Dessa forma pode-se entender que as participantes percebem as mães como figuras parentais mais responsivas e exigentes. Esses resultados vão ao encontro de estudos como os de Teixeira, Bardagi e Gomes (2004); Hutz e Bardagi (2006); Reichert e Wagner (2007); Pacheco, Silveira e Schneider (2008); Rinhel-Silva, Constatino e Rondini (2012), que também possuem amostras compostas por adolescentes.

Estes resultados podem indicar que as mães possuem uma maior participação e uma maior influência na educação e desenvolvimento das filhas (Reichert & Wagner, 2007; Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004). As adolescentes percebem as mães como figuras que demonstram apoio afetivo-emocional e que também estabelecem regras e cobram por disciplina (Teixeira & Lopes, 2005; Hutz & Bardagi, 2006).

Os altos níveis de exigência das mães mostram que estas ocupam uma posição de autoridade na percepção das filhas e contrastam com a ideia cultural de que os pais são os responsáveis pela imposição de regras e limites (Rinhel-Silva, Constantino & Rondini, 2012).

Destaca-se também o maior nível de escolaridade das mães em relação aos pais das participantes. No estudo de Martins et al. (2014), níveis mais altos de instrução educacional materna se associaram a comportamentos de afetividade e monitoramento da conduta em relação aos filhos. Apesar de não ser um fator determinante para as práticas educativas,

Staudt (2007) ressalta que níveis mais baixos de escolaridade parental podem estar associados a menores frequências de comportamentos afetivos, de orientação e de atenção em relação aos filhos.

Também existem estudos relacionando os níveis de escolaridade parental com a frequência de atividade física praticada pelos filhos. Supõe-se que uma maior escolaridade materna estaria associada a uma parentalidade mais participativa, com maiores cuidados da mãe em relação aos filhos, o que, segundo Faria (2018), poderia resultar em uma maior proteção e prevenção de doenças crônicas relacionadas a uma vida inativa fisicamente. Entretanto, devido a resultados conflitantes presentes na literatura, não é possível presumir que o nível de escolaridade da mãe está associado ao aumento da prática de atividade física entre crianças e adolescentes. Porém, entende-se que mães com maior nível de instrução podem possuir uma maior conscientização em relação aos benefícios resultantes da atividade física, além de poderem proporcionar aos seus filhos maior acesso a atividades físicas em ambientes estruturados (p. e.: escolas de iniciação esportiva), através de suporte financeiro (Faria, 2018).

Ou seja, o nível de escolaridade alto da maior parte das mães do presente estudo pode influenciar, de alguma forma, nos altos escores de exigência e responsividade e no suporte à prática esportiva das filhas.

Classificação dos estilos parentais

A classificação dos estilos parentais foi realizada através do cálculo das medidas de centralidade e dispersão dos escores das mães, dos pais e do escore combinado. Como sugerido por Teixeira, Bardagi e Gomes (2004), utilizou-se a mediana de cada um dos grupos para determinar se os escores de exigência e responsividade são altos ou baixos. Escores altos em exigência e responsividade foram classificados como estilo autoritativo; escores altos em exigência e baixos em responsividade foram categorizados como estilo autoritário; escores

baixos em exigência e altos em responsividade foram classificados como estilo indulgente e escores baixos em ambas as dimensões foram categorizados como estilo negligente.

A Figura 1 mostra a classificação dos estilos parentais para mães, pais e para o estilo combinado em percentuais. Nota-se que as mães se distribuíram entre os quatro tipos de estilos parentais, mas a maior parte foi descrita como autoritativa (30,6%). Já os pais foram igualmente percebidos como negligentes (38,2%) e autoritativos (38,2%). No estilo combinado, os pais foram mais frequentemente percebidos como negligentes (41,7%), autoritativos (36,1%), autoritários (11,1%) e indulgentes (11,1%).

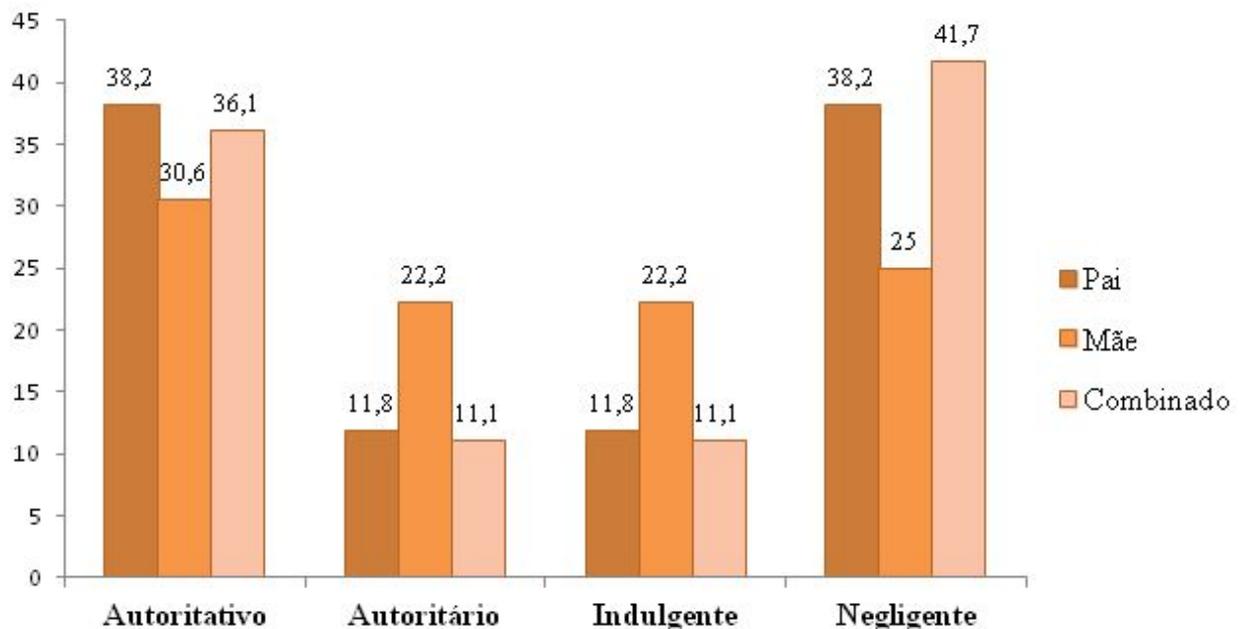


Figura 1 - Porcentagem dos estilos parentais para mães, pais e os dois combinados.

Esses resultados se assemelham aos de Reichert e Wagner (2007), Pacheco, Silveira e Schneider (2008), Rinhel-Silva, Constantino e Rondini (2012), em que os participantes adolescentes relataram possuir pais negligentes e autoritativos. O estilo negligente possui a maior prevalência entre as participantes é preocupante, pois este estilo se caracteriza pela falta de engajamento e disponibilidade das figuras parentais, que não exigem disciplina, não impõem regras claras, não oferecem oportunidade de diálogo e possuem dificuldades de demonstrar apoio emocional para com os filhos. O estilo negligente também costuma estar

associado a dificuldades de aprendizagem e maiores níveis de sintomas de ansiedade e depressão entre os adolescentes (Hutz & Bardagi, 2006).

Apesar de 25% das mães também terem sido percebidas como negligentes, 75% delas apresentaram níveis altos para pelo menos uma das dimensões (exigência e/ou responsividade). O estilo parental materno predominante foi o autoritativo, caracterizado pela valorização da independência e individualidade dos filhos (Hutz & Bardagi, 2006). Pais autoritativos conseguem equilibrar as cobranças disciplinares e o apoio afetivo-emocional em relação aos filhos (Teixeira & Lopes, 2005). O estilo autoritativo geralmente é associado a melhores níveis de bem-estar, autoestima, otimismo e desempenho acadêmico, além de menores níveis de sintomas de ansiedade e depressão (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004; Hutz & Bardagi, 2006).

As divergências entre os estilos parentais materno e paterno das participantes podem indicar que existe uma maior participação e envolvimento das mães na criação dessas adolescentes. Os pais são percebidos como menos exigentes e menos responsivos pelas atletas, corroborando com outros estudos em que os pais foram menos responsivos em relação às filhas quando comparados com os filhos (Reichert & Wagner, 2007; Rinhel-Silva, Constantino & Rondini, 2012). Apesar disso, as participantes também descreveram os pais como autoritativos, demonstrando que há um maior engajamento paterno nas configurações familiares contemporâneas.

A percepção das adolescentes sobre os pais negligentes e autoritativos exemplifica o que Staudt (2007) discutiu em seu estudo: as famílias contemporâneas se caracterizam pela coexistência da emergência de demandas por uma participação maior dos homens na vida familiar e pela presença ainda marcante de papéis e estereótipos de gênero. Ou seja, as mulheres ainda assumem o papel principal de cuidadoras, estando mais presentes para os filhos, enquanto os homens ainda assumem o papel de provedores e apresentam dificuldades

para passar mais tempo interagindo emocionalmente com os filhos. Staudt (2007) também demonstra que, cada vez mais, os pais reconhecem a importância dessa maior aproximação com os filhos e da maior participação na realização das tarefas domésticas.

Também utilizou-se o teste de correlação de *Spearman* para avaliar uma possível correlação entre os estilos parentais e as dimensões de motivação do IMPRAF-54. No entanto, não foram encontradas correlações significativas entre tais variáveis. Isso indica que, embora o estímulo das figuras parentais possa influenciar na motivação para a prática de esportes, como aponta a literatura, esta relação não demonstrou ser específica de um ou outro estilo parental, podendo estar relacionada a um apoio específico à prática em si. Essa questão será mais explorada posteriormente, na análise das entrevistas.

Análise temática das entrevistas

Após a coleta dos dados quantitativos, a pesquisadora informou ao treinador que precisaria entrevistar pelo menos 3 atletas de cada subcategoria para a segunda parte do estudo. O treinador selecionou algumas atletas, dentre aquelas que já haviam respondido aos instrumentos, para participar das entrevistas. Por fim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 7 participantes (4 atletas do Sub-14 e 3 atletas do Sub-16), com 8 perguntas, a saber: Como você iniciou a prática do futebol?; O que o futebol significa para você?; O que o seu pai acha de você jogar futebol? Alguma vez isso já foi diferente?; O que a sua mãe acha de você jogar futebol? Alguma vez isso já foi diferente?; De modo geral, seus pais apoiam a sua prática de futebol? Se sim, como?; Alguém já te disse que você não deveria jogar futebol?; O que você conhece do futebol feminino no Brasil?; Você acha que seguirá praticando o futebol durante a vida adulta?

As respostas para estas perguntas foram analisadas a partir do método de análise temática de Braun e Clarke (2006), guiada pelos dados, usando as perguntas da entrevista

como grandes categorias a priori. As seis etapas postuladas pelas autoras consistem em: (1) familiarização com os dados; (2) geração de códigos iniciais; (3) busca por temas; (4) revisão dos temas; (5) definição e nomeação dos temas; e (6) produção do relatório de pesquisa. Neste estudo, a autora principal realizou as cinco primeiras etapas e um segundo pesquisador atuou como juiz, sendo discutidas as dúvidas quando necessário.

As respostas das adolescentes foram agrupadas em 6 grandes temas: (1) Início da prática; (2) Significado/Importância do futebol; (3) Tipos de apoio parental; (4) Situações de preconceito; (5) Conhecimento sobre a modalidade; (6) Continuidade da prática. A Figura 2 apresenta um diagrama com a síntese dos temas que tem como propósito a organização das informações de uma forma mais compreensível. Abaixo serão discutidos os seis grandes temas e seus subsequentes conjuntos de respostas, a partir dos excertos das participantes que foram consideradas representativas.

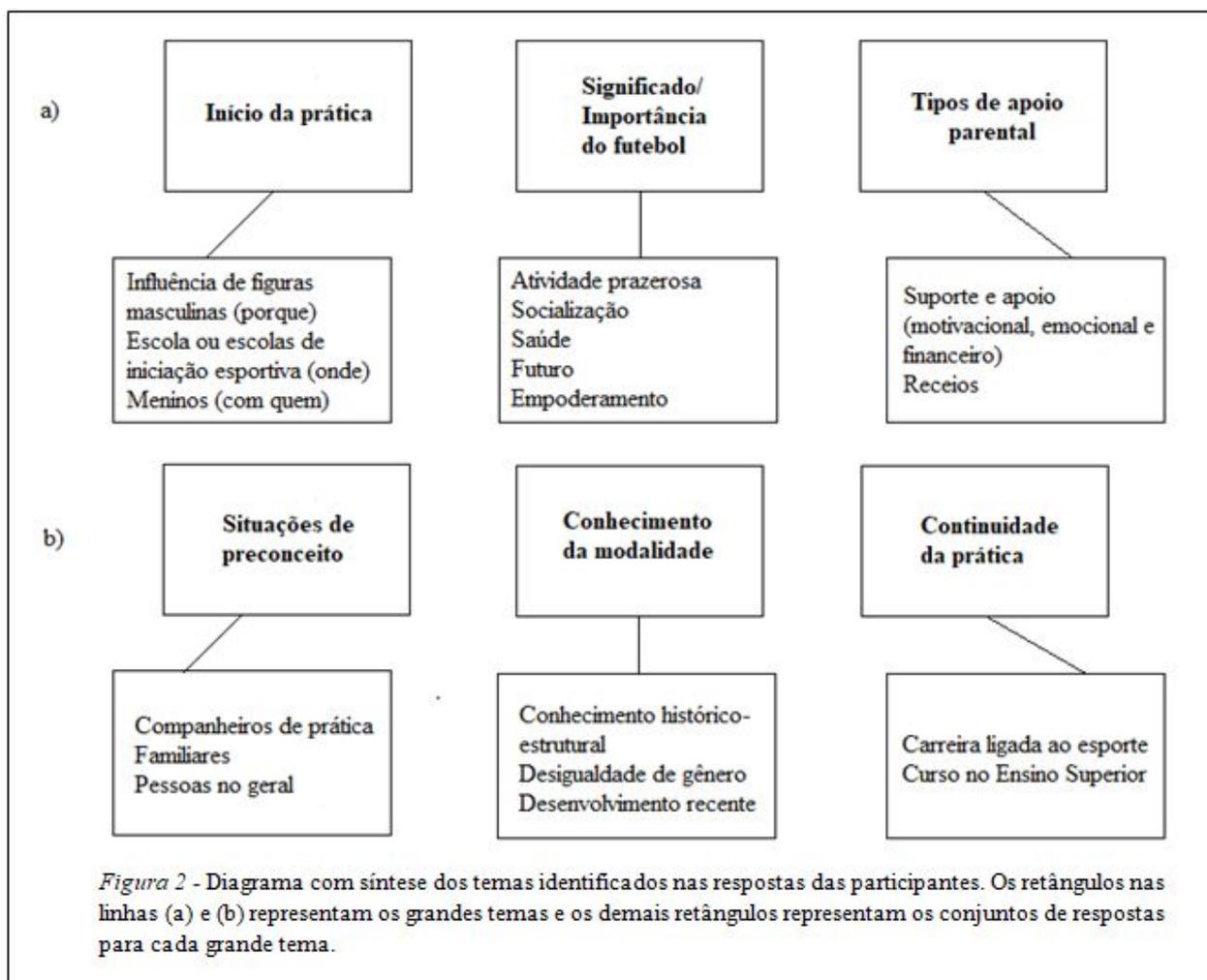


Figura 2 - Diagrama das unidades temáticas.

Início da prática

Todas as entrevistadas relataram a *influência de figuras masculinas* para o início da prática do futebol. Geralmente estes agentes influenciadores faziam parte da família das adolescentes, como os pais, irmãos, tios. Entretanto, uma das entrevistadas também mencionou a influência do seu professor de educação física na escola.

"E o meu pai é jogador de futebol, ele joga [...] em times de... Veteranos, assim. Campeonatos e tal, mas nada profissional. Então ele sempre me levava desde pequena nos jogos, então eu acho que eu gosto porque sempre tive incentivo à prática de esportes." (AL., Sub-16)

Notou-se que cinco entrevistadas descreveram que os pais ou irmãos também praticavam futebol. Segundo Fonseca e Stela (2016), a participação de figuras parentais em atividades esportivas facilita o envolvimento dos filhos com a prática. Dessa forma, entende-se que as adolescentes do presente estudo possuem referências positivas da prática esportiva nos seus ambientes familiares, contribuindo para o seu próprio envolvimento com o futebol.

As participantes também trouxeram nas falas *onde e com quem* elas iniciaram a jogar futebol. De acordo com Mota e Sallis (2002), meninas possuem menos chances de entrarem em contato com ambientes organizados para a prática esportiva. Contudo, felizmente, a maior parte do grupo de jogadoras relatou que o início da sua prática ocorreu em *ambientes escolares* e em *escolas de iniciação esportiva*. As entrevistadas mencionaram que, quando começaram a jogar, os companheiros de prática são sempre *meninos*, o que reflete a diferença nos processos de socialização entre meninos e meninas. Dessa forma, as diferenças de gênero parecem limitar e influenciar as possibilidades de experimentação de crianças e adolescentes dentro do contexto esportivo.

"O meu pai jogava, eu aí ia com ele pros jogos, aí eu comecei a gostar de futebol. Aí eu conheci uma amiga minha no colégio e ela falou que tinha uma escolinha na cidade. Aí eu fui e comecei a jogar futebol com os guris." (B., Sub-14)

"Desde pequena meu irmão ele jogava futebol num clube lá que a gente frequenta desde pequeno e eu comecei a me interessar e comecei a fazer no clube mesmo. Com os meninos" (G., Sub-14)

Significado/Importância do futebol

Foram vários os significados e importância do futebol na vida das atletas e a maior parte deles se relaciona com os principais fatores motivacionais pela prática relatados anteriormente. As participantes citaram que o futebol é uma *atividade prazerosa* que desperta

paixão e divertimento, além de ser um meio para *socialização*. O esporte também foi considerado um fator de proteção psíquica para uma das entrevistadas, de maneira a proporcionar *saúde*.

"Uma paixão, porque... Quando eu entro em campo ou em quadra eu esqueço de tudo. Me diverte muito jogar futebol" (B., Sub-14)

"Olha, pra mim, assim... É meio que um refúgio, assim, sabe? [...] Tipo assim, é como se fosse o meu tranquilizante assim, sabe? Porque eu já tive coisas de depressão e tudo mais. Daí pra mim foi o que mais aliviou, assim. E não só o futebol. O esporte em geral, sabe?" (R., Sub-16)

O futebol, segundo algumas das participantes, significou uma possibilidade de *futuro*. As participantes relataram que no futuro pretendem seguir profissionalmente na modalidade e que esta pode lhe proporcionar benefícios financeiros que auxiliariam seus familiares. Ou seja, a ascensão social através do futebol foi um tópico que surgiu brevemente entre as atletas entrevistadas.

Para uma das participantes, o futebol significou a demonstração de que mulheres são capazes de fazer qualquer coisa, como uma *forma de empoderamento*.

"Ah, na verdade é uma forma de eu mostrar, né, o valor das mulheres, que a gente é capaz de fazer tudo" (G., Sub-14)

Esta fala da participante indica um conhecimento prévio das barreiras socioculturais e estruturais que existem para mulheres jogarem futebol no país e/ou a possibilidade de vivência de situações preconceituosas pela própria participante.

Tipos de apoio parental

As adolescentes, em sua grande maioria, relataram que pais e mães demonstram *apoio e suporte* a sua prática esportiva desde o início. As atletas descreveram diversos *tipos de*

apoio (motivacional, emocional e financeiro) e também contaram sobre os *receios* parentais em relação à prática do futebol.

Percebe-se que os pais das jovens reconhecem e valorizam o interesse das filhas pelo futebol, acompanhando-as desde cedo em treinos e jogos, desenvolvendo/compartilhando gosto pelo esporte e formando laços afetivos com outros pais de companheiras de time (apoio motivacional e emocional). As adolescentes relataram que mesmo quando os pais não conseguem comparecer aos jogos, eles mandam mensagens de apoio, o que transmite tranquilidade e confiança às atletas (apoio motivacional e emocional). Além disso, também atendem as necessidades relativas à prática, como gastos com escolinhas de iniciação esportiva, deslocamento e residência em outra cidade (apoio financeiro). São ações como estas que auxiliam na manutenção e seguimento da prática esportiva pelos atletas infanto-juvenis (Vissochi et al., 2013; Momesso et al., 2016).

"[Minha mãe] também sempre me apoia, tá sempre comigo. Sempre manda mensagem, como eu moro longe dela. Sempre manda mensagem pra... Perguntando como é que tá e sempre me apoiando." (AL., Sub-16)

"Meu pai adora, ele sempre me apoia. Ele e a minha mãe. Até que eles me trazem de Santa Maria. Quatro horas de viagem até aqui para treinar. Ele me apoia muito. Ele e a minha mãe." (B., Sub-14)

"Sim. Ah, eles vão em todos os jogos que eles podem, né? Quando não é longe. Tão sempre mandando mensagem, falando que eu vou conseguir. Isso é uma coisa muito gratificante." (AL., Sub-16)

"Ah sim. Quando eu jogo eles sempre vêm. Também me trazem nos treinos, também antes pagavam escolinha e tal. Sempre apoiaram." (AN., Sub-16)

A valorização e compreensão da individualidade e necessidades dos filhos são características parentais responsivas, que estão relacionadas ao segundo estilo parental mais

predominante entre as adolescentes, o estilo autoritativo. Os relatos sobre o suporte e apoio parental podem indicar que, no geral, os pais das participantes consigam ser mais responsivos e exigentes com relação aos fatores associados à prática esportiva das filhas, podendo apresentar dificuldades para se comunicar, expressar afetividade e estabelecer regras claras em outros domínios (p.e. contexto escolar e domiciliar).

Em relação aos estilos parentais dos pais, as meninas perceberam que ou os pais eram responsivos e exigentes, ou não eram. Nota-se no relato das entrevistadas essa dualidade previamente discutida. Enquanto alguns pais mostraram-se atentos às necessidades emocionais das filhas, sendo presentes nos treinos e jogos, outros só exercem uma função paterna que se limita a responsabilidades financeiras.

"A gente nunca foi próximo. Daí agora que eu comecei no Rubro, daí que ele meio que se aproximou e tal. Mas não que... Ele só me dá o dinheiro, Sabe? Digamos. Pra me manter aqui e tudo mais."* (R., Sub-16)

**Nome ficcional do clube*

A prática do futebol também oportunizou que pais e filhas pudessem se aproximar, a partir de um compartilhamento de um interesse, de uma paixão.

"Ele gosta, sabe? [...] Ele apoia bastante. E a gente fala sobre futebol, e isso é bom porque a gente começou a se falar mais. [...] E ele gosta, ele me apoia muito. Ele tá sempre me apoiando. E eu acho que isso é o essencial, que é o apoio dos pais. E ele me apoia muito." (J., Sub-14)

Apesar dos relatos positivos sobre o apoio parental, as meninas também comentaram sobre os medos e *receios* iniciais que os pais possuíam em relação a sua prática do futebol. As ressalvas descritas pelas atletas estão associadas ao reconhecimento por parte dos pais que uma carreira através do esporte é complicada e que no futebol feminino brasileiro é muito mais difícil chegar a profissionalização. Além disso, os pais das atletas também temiam que

as filhas sofressem com termos pejorativos e com situações de preconceito e inferiorização por serem meninas praticando um esporte que é culturalmente associado ao "masculino".

"A minha mãe... Então. Ela meio que preferia que eu estivesse num escritório sendo uma advogada ou algo do tipo, né? Mas ela apoia assim. Também, a gente mora longe agora, né? Mas ela apoia, vem olhar os jogos e tudo mais. Mas antes... Mas ela ainda prefere que eu seja uma advogada ou algo do tipo. Porque é muito difícil pra menina [...] Tipo, mais assim pelo preconceito. Ela achou que eu ia sofrer bastante com isso." (R., Sub-16)

O relato de uma das entrevistadas traz uma tentativa dos pais de fazer com que ela mudasse de ideia, oferecendo alternativas para a prática de outros esportes ou atividades físicas associadas culturalmente ao "feminino", como as danças.

"Foi mais no começo que... Ele e a minha mãe, os dois, eles apoiavam mas ficavam com aquela insegurança, porque como eu era nova sempre tinha muita gente falando que 'ah, guria não sabe jogar'. Aquela coisa de futebol. Aí eles ficavam meio incomodados, 'ah tu não quer seguir pra outra coisa, outro esporte, um tipo de dança'. E eu 'não, minha paixão é isso e eu vou continuar'. Mas foi só no início." (J., Sub-14)

Situações de preconceito

Foi perguntado às participantes se alguém já teria comentado que elas não deveriam jogar futebol. As atletas responderam relatando algumas experiências de preconceito vividas durante a trajetória enquanto menina que pratica uma modalidade que é marcada fortemente pelas desigualdades e estereótipos de gênero. As entrevistadas mencionaram que já haviam passado por situações de preconceito e que os agentes dessas situações eram principalmente *familiares e companheiros de prática*, além de *pessoas no geral*.

"Já. Bastante. Ah, pessoas que não me conheciam direito, que têm preconceito... Porque sempre tem contra o futebol feminino. Então sempre diziam que não era pra eu jogar futebol,

que era pra eu seguir em outra profissão porque não ia dar certo... Essas coisas." (AL., Sub-16)

"Olha... A minha família assim, [...] eles ficam... Preferiam que eu fosse que nem eles, assim. Tipo... Mais... Sabe? Mas eles não falam 'ah, não joga', não sei o quê. Eles ajudam e tudo mais. É o que eu quero fazer. É a minha opinião... A opinião deles importa um pouco mas se é o que eu quero, é isso que eu vou correr atrás, entende?" (R., Sub-14)

As entrevistadas também ressaltaram a importância do auxílio e proteção fornecido pelos seus pais quando esse tipo de situação negativa acontece, servindo como motivação para seguir com a prática. As atletas descreveram que os pais geralmente ensinam que os comentários de terceiros não devem afetar negativamente os seus desempenhos.

"Acontece. Desde pequena eu sempre ouvi coisas... Muitas meninas falando pra mim, né, que é coisa de menino, mas meus pais eles também me apoiam nisso, né? Que eles sempre me ensinaram que eu não tenho que me importar, mas isso nunca me afetou de nenhuma forma" (G., Sub-14)

Também foi possível notar que os agentes do preconceito entendiam o futebol como algo ligado ao masculino e, portanto, meninas que o praticassem estariam sujeitas a um "processo de masculinização" que também colocaria em risco a heterossexualidade das atletas (Borges et al., 2006).

"Já. Pais de outros meninos. Porque eu comecei jogando com os guris. E os pais dos outros meninos sempre diziam [...] 'ah, porque guria tem que parar de jogar, isso não é coisa pra guria, vai virar...', como eles dizem, 'machorra', né? Lésbica [...] Só que assim, muita gente já falou, até da minha família, já veio tentar dizer 'ah, por que tu joga bola? É uma coisa de guri. Teu irmão que devia fazer isso'." (J., Sub-14)

Destaca-se que duas das sete entrevistadas relataram não ter experienciado nenhum tipo de comentário rechaçando a sua participação no futebol, podendo significar que existe

um movimento sociocultural de ampliação à naturalização da ocupação dos mais variados tipos de espaços pelas mulheres, incluindo o ambiente do futebol e dos esportes em geral.

Conhecimento sobre a modalidade

Com o objetivo de compreender a visão das próprias atletas sobre a modalidade que elas praticam, foi perguntado quais eram os conhecimentos delas sobre o futebol feminino no Brasil. Pensou-se em analisar se as participantes trariam aspectos que remeteriam à sub-representação e à falta de investimento na modalidade, por exemplo.

As entrevistadas identificaram os principais aspectos que perpassam a sua prática cotidianamente, como a falta de apoio, valorização e investimento na modalidade. As falas das atletas contemplaram o *conhecimento histórico-estrutural* sobre a modalidade, citando a falta de investimento histórica das categorias de base e as consequências do período em que o futebol feminino foi legalmente proibido legalmente no país. As entrevistadas também reconheceram o *desenvolvimento recente* da modalidade no país.

"O futebol feminino no Brasil ele foi proibido por um tempo, né? Tipo assim... Eu acho que isso prejudicou muito, sabe? Porque, por exemplo, vou dar o exemplo da Marta, assim. Imagina se, tipo, ela tivesse uma base? O quanto ela jogaria hoje, sabe? E as meninas hoje tão tendo mais essa base, que é necessário pra tu ser uma jogadora com muito mais qualidade técnica, tática, tu pensar mais, sabe? Então, tipo assim, falta muito ainda, mas tá evoluindo muito rápido. Querendo ou não, tá evoluindo" (R., Sub-16)

"Eu conheço que é algo complicado. Por exemplo, o meu sonho é fazer esse futebol crescer. O Rubro aqui, por exemplo, tá dando uma chance enorme pras gurias e eu agradeço muito. Porque eles tão investindo. E às vezes eu sinto que tá faltando muito investimento pras bases, porque tem times que conseguem ter o investimento porque são times maiores, mas hoje em dia, pra mim, poderia ter muito mais times, de qualquer nível, com uma base feminina. Porque isso seria muito melhor. Porque o Brasil tem grandes jogadoras [...] Só que falta*

investimento e o reconhecimento. Só que isso tá mudando, só que aos poucos. Pra mim a gente já poderia estar em outro nível." (J., Sub-16)

As jogadoras também trouxeram comparações com o futebol masculino, percebendo as diferenças de condições, investimentos, visibilidade e reconhecimento social (Teixeira & Caminha, 2013), todas desfavoráveis às mulheres praticantes de futebol.

"Ah, o futebol feminino no Brasil antigamente não era muito valorizado. Agora tá crescendo um pouco, mas não tá que nem o masculino. O masculino tem mais prioridade. Só que tem muito mais mulher que joga mais que homem. Aí todo mundo tá tentando que o futebol feminino cresça no Brasil, mas tá sendo difícil pelo preconceito" (B., Sub-14)

"Ah, eu ouvi falar que o futebol feminino tá crescendo, né? Porque até o ano passado, na verdade, eu acho que ninguém se importava muito, mas depois da Copa do Mundo eu acho que foi crescendo e eu fico feliz" (G., Sub-14)

Esses relatos indicam que as participantes possuem uma visão crítica em relação às *desigualdades de gênero* presentes no futebol, reconhecendo que o crescimento da modalidade ainda é muito lento e recente no Brasil. Entretanto, esses questionamentos e reflexões sobre o futebol feminino pelas jovens atletas é um fator positivo, já que as jogadoras de futebol possuem um papel importante para o desenvolvimento e maior visibilidade midiática da modalidade quando denunciam os descasos de clubes e federações, por exemplo.

Continuidade da prática

As entrevistadas também relataram se seguiriam com a prática do futebol durante a vida adulta. A maioria das atletas citou que gostaria de seguir uma *carreira ligada ao esporte*, ou se profissionalizando como jogadora ou trabalhando enquanto equipe técnica.

"Ah, espero que sim, né? Espero que dê certo. Que é o que eu mais sonho, né? Jogar em times grandes. Apesar do Rubro já ser um time grande, mas... Maiores ainda, fora do Brasil... E chegar na Seleção Brasileira. Espero que eu consiga." (AL., Sub-16)*

"Eu espero. Se eu não seguir no futebol, eu pretendo cursar Educação Física ou até... Fazer uma faculdade e virar técnica. Porque eu gosto muito disso. Então... Eu tô sempre tentando me puxar porque o meu sonho é chegar no profissional [...] Mas o maior sonho acho que de todas as gurias que estão no meio é chegar lá, né? Então, eu acho que... Eu me vejo. Mas eu me vejo com muitas dificuldades." (J., Sub-14)

Nota-se o desejo das atletas de chegar aos times profissionais, de jogar em times no exterior e de chegar à Seleção Brasileira. Uma entrevistada relatou que não seria jogadora de futebol no Brasil, pois não acreditava que poderia lhe proporcionar um retorno financeiro satisfatório. A vontade das atletas de serem jogadoras no exterior provém de esforços e projetos longitudinais das federações de países como os Estados Unidos para que o futebol feminino pudesse ter um nível de organização e estruturação equiparável ao futebol masculino (Franzini, 2005). Esses esforços e investimentos de federações e confederações para o desenvolvimento do futebol feminino iniciaram muito recentemente nos países latino-americanos.

"Eu tenho um sonho de ir pros Estados Unidos, jogar futebol lá e conseguir bolsa pelo esporte. Mas eu quero estudar, eu tenho que ter uma faculdade [...] Se eu não for pros Estados Unidos, por exemplo, eu não penso em ser uma jogadora de futebol no Brasil, sabe?" (AN., Sub-16)

Algumas participantes também mencionaram que gostariam de ingressar em *cursos no ensino superior*, que não necessariamente estariam ligados ao mundo esportivo, mas que pudessem lhes proporcionar uma formação profissional mais segura, com maiores chances de retorno financeiro no futuro.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como principais objetivos investigar quais eram os principais motivos que levavam a prática do futebol por meninas brasileiras e investigar a percepção dessas meninas sobre os estilos parentais. Também se propôs avaliar se existiriam associações estatísticas entre os estilos parentais e os fatores motivacionais para a prática esportiva das participantes.

As três dimensões motivacionais mais importantes para a prática regular do futebol para as adolescentes foram: Prazer, Saúde e Sociabilidade. Nota-se que apesar das atletas se motivarem mais intrinsecamente (dimensão Prazer), fatores motivacionais extrínsecos também são importantes reforçadores para a manutenção da prática do esporte. Esse grupo de atletas considerou a manutenção e promoção da saúde física e mental (dimensão Saúde) como um dos principais motivadores para a prática. Além disso, as jovens consideraram que fazer parte de um grupo e formar laços sociais (dimensão Sociabilidade) também são motivos relevantes para a manutenção da prática.

Esses fatores motivacionais também apareceram nos dados qualitativos, quando as atletas entrevistadas relataram que o futebol é uma atividade que, além de lhes proporcionar divertimento, também é importante para a saúde mental e oportuniza o estabelecimento de amizades.

As jovens perceberam as mães como mais responsivas e exigentes quando comparadas com os pais. Dessa forma, as mães são as figuras parentais que as filhas estabelecem maiores vínculos afetivo-emocionais, com quem mais se comunicam e por quem são mais cobradas em relação a comportamento e disciplina. Esse resultado indica que, dentro desse grupo amostral, as mulheres continuam sendo as mais encarregadas pelo processo de socialização e educação das filhas.

Quanto a categorização dos estilos parentais, houve uma divergência em relação aos estilos maternos e paternos. Enquanto as mães foram identificadas predominantemente como autoritativas (altos níveis de responsividade e exigência), os pais foram percebidos como negligentes e autoritativos. Já o estilo combinado foi marcado pelo estilo negligente (baixos níveis de responsividade e exigência). Estes resultados indicam que as mães possuem uma maior participação na criação das filhas e que os pais apresentam dificuldades para se envolverem emocional e disciplinarmente na educação das filhas. Entretanto, nota-se que esse grupo de adolescentes também percebeu os pais como autoritativos, ou seja, os pais das famílias contemporâneas parecem estar se aproximando mais das filhas, reconhecendo suas necessidades, valorizando seus interesses e estimulando o desenvolvimento da autonomia.

Não foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre os estilos parentais e as dimensões motivacionais do IMPRAF-54. Isso indica que, neste estudo, a influência parental na motivação das filhas para a prática do futebol não demonstrou ser específica de algum tipo de estilo parental, podendo estar relacionada a um suporte e apoio específico à prática em si.

A análise temática das entrevistas, além de complementar os dados quantitativos em relação aos fatores motivacionais e à influência parental, permitiu constatar que as atletas deste clube reconhecem as dificuldades de praticar uma modalidade ainda desvalorizada e desassistida no Brasil. Foram descritas situações de preconceito, desconfianças quanto ao futuro e às possibilidades de retorno financeiro com a profissionalização da prática. Contudo, as adolescentes relataram que os pais as auxiliam nessa trajetória como jogadora de futebol, proporcionando apoio motivacional, emocional e financeiro. Percebeu-se que os receios parentais em relação à prática das filhas estavam relacionados principalmente ao medo do preconceito que elas poderiam sofrer por ser uma modalidade vinculada a expressões de masculinidade.

Destaca-se que, apesar das jovens considerarem as mães como mais presentes no seu cotidiano, foram os pais que as influenciaram a iniciar a prática do futebol, promovendo até mesmo uma maior aproximação entre pais e filhas. Aliás, esse início de prática é estritamente influenciado por figuras masculinas, o que está associado ao fato do futebol ainda ser socioculturalmente considerado um esporte "para homens".

Nota-se que as adolescentes perceberam os pais como predominantemente negligentes, ou seja, estes possuem dificuldades para se engajar, estar disponível e demonstrar apoio emocional para com as filhas. Entretanto, as entrevistadas ressaltaram bastante a importância da participação e envolvimento de pais e mães na sua prática. Podemos inferir que os pais dessas jovens apresentam características mais responsivas e exigentes em relação à prática do futebol, mas possuem dificuldades para demonstrar essa participação e envolvimento afetivo-emocional em outras áreas, como no contexto escolar, por exemplo.

Devido ao pequeno número de participantes, não foi encontrada uma distribuição amostral normal, sendo necessário utilizar testes não-paramétricos. Futuramente, recomenda-se a realização de estudos com amostras maiores que possam apresentar distribuições normais, possibilitando a utilização de testes com maior poder estatístico. Além disso, sugere-se uma ampliação da faixa etária das participantes a fim de verificar se existem diferenças motivacionais entre meninas mais novas e jovens-adultas, por exemplo.

O presente estudo não levou em consideração as variações das configurações familiares (p.e. monoparentalidade, coparentalidade) para a análise dos estilos parentais. Portanto, também sugere-se considerar estas variáveis para próximos estudos.

Os resultados aqui apresentados são relevantes para auxiliar os profissionais que trabalham com atletas infanto-juvenis a desenvolverem planos de aulas, orientações e

treinamentos mais apropriados aos interesses e motivações desses jovens. Além disso, os resultados também são importantes no sentido de demonstrar que a rede de apoio social para jovens jogadoras de futebol é essencial para que elas permaneçam em uma modalidade que enfrenta barreiras socioculturais, estruturais e organizacionais.

REFERÊNCIAS

- Almeida, D., & de Souza, R. M. (2016). A influência dos pais no envolvimento da criança com o esporte durante a iniciação esportiva no futebol em uma escolinha de Campo Bom-RS. *RBF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 8(30), 256-268.
- Almeida, L. M., Pereira, H. P., & Fernandes, H. M. (2018). Efeitos de diferentes tipos de prática desportiva no bem-estar psicológico de jovens estudantes do ensino profissional. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 13(1), 15-21.
- Balardin, G. F., Voser, R. D. C., dos Santos Duarte, M. A., & Mazo, J. Z. (2018). O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. *RBF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 10(36), 101-109.
- Balbinotti, M. A. A., Balbinotti, C. A. A., Gotze, M., Barbosa, M. L. L., & Ferreira, A. O. (2007). Dimensões motivacionais de atletas corredores de longa distância: um estudo descritivo-comparativo segundo o sexo. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 6(2), 73-80.
- Balbinotti, M. A. A., Barbosa, M. L. L., Balbinotti, C. A. A., & Saldanha, R. P. (2011). Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório. *Estudos de psicologia*, 16(1), 99-106. doi: 10.1590/S1807-55092008000100006
- Balbinotti, M. A. A., & Capozzoli, C. J. (2008). Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. *Revista*

Brasileira de Educação Física e Esporte, 22(1), 63-80. doi:
10.1590/S1807-55092008000100006

Balbinotti, M. A. A., Saldanha, R. P., & Balbinotti, C. A. A. (2009). Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: um estudo segundo o sexo. *Motriz. Journal of Physical Education. UNESP*, 15(2), 318-329.

Barbosa, M. L. L. (2006). *Propriedades métricas do inventário de motivação à prática regular de atividade física (IMPRAF-126)* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Brasil.

Barbosa, M. L. L., & Balbinotti, A. A. M. (2006). Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividade Física (IMPRAF-54). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Brasil.

Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.

Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1-103.

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2). pp. 77-101.

Borges, C. N. F., Lopes, S. M., Alves, C. A., & Alves, F. P. (2006). Resiliência: uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino. *Movimento*, 12(1), 105-131.

- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016*. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.
- Costa, M. G. B. (2018). Um olhar sobre o campeonato gaúcho de futebol feminino adulto através das reportagens da Gaucha ZH. *RBF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, *10(37)*, 228-234.
- Darido, S. C. (2002). Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. *Motriz*, *8(2)*, 43-49.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological inquiry*, *11(4)*, 227-268.
- Faria, B. S. (2018). Associação entre escolaridade materna e prática de atividade física e comportamento sedentário em adolescentes brasileiros (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, Brasil.
- Fontana, P. S., Barbosa, M. L. L., Balbinotti, M. A. A., & Balbinotti, C. A. A. (2013). Estudo das motivações à prática da ginástica rítmica: Contribuições da pesquisa para o rendimento desportivo. *Pensar a Prática*, *16(2)*, 387-400. doi: doi.org/10.5216/rpp.v16i2.16873.
- Gavião, P. C. S., Falcão, C. P., & Ilha, P. V. (2018). Adesão, permanência e barreiras percebidas na prática do Futebol Feminino. *RBF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, *10(40)*, 550-556.

- Gaya, A. C. A., & Cardoso, M. F. D. S. (1998). Os fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho desportivo. *Revista Perfil. Porto Alegre. n. 2*, p. 40-52.
- Goellner, S. V., & Kessler, C. S. (2018). A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. *Revista USP*, 117, 31-38.
- Goellner, S. V. (2005). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(2), 143-151.
- Gomes, A. R. (2010). Influência parental no desporto: a percepção de pais e jovens atletas portugueses. *Estudos de Psicologia*, 27(4), 491-503.
- Gonçalves, G. H. T., Klering, R. T., Pacheco, C. H., Balbinotti, M. A. A., & Balbinotti, C. A. A. (2015). Motivos à prática regular de futebol e futsal. *Saúde e Desenvolvimento Humano*, 3(2), 07-20. doi: 10.18316/2317-8582.15.1
- Gonçalves, M. P., & Alchieri, J. C. (2010). Motivação à prática de atividades físicas: um estudo com praticantes não-atletas. *Psico-USF*, 15(1), doi: 125-134.0.1590/S1413-82712010000100013.
- Gotova, Z. (2015). Sport for all, a prerequisite for longevity, health and wellbeing of all age people. *Activities in Physical Education and Sport*, 5(1), 117-120.
- Hirota, V. B., Schindler, P., & Villar, V. (2010). Motivação em atletas universitárias do sexo feminino praticantes de futebol de campo: um estudo piloto. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 5(3), 135-142.

- Hutz, C. S., & Bardagi, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. *PsicoUSF*, 11(1), 65-73. doi: 10.1590/S1413-82712006000100008.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2017). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Práticas de esporte e atividade física: 2015. Coordenação de Trabalho e Rendimento: Rio de Janeiro.
- Januário, N., Colaço, C., Rosado, A., Ferreira, V., & Gil, R. (2012). Motivação para a prática desportiva nos alunos do ensino básico e secundário: Influência do género, idade e nível de escolaridade. *Motricidade*, 8(4), 38-51. doi: 10.6063/motricidade.8(4).1551.
- Kessler, C. S. (2015). *Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Brasil.
- Lores, A. P., Murcia, J. A. M., Sanmartín, M. G., & Camacho, Á. S. (2004). Motivos de práctica físico-deportiva según la edad y el género en una muestra de universitarios. *Apunts. Educación física y deportes*, 2(76), 13-21.
- Maccoby, E. E. & Martin, J. A. (1983). *Socialization in the context of the family: Parent-child interaction*. New York: Wiley.
- Martins, R. P. M. P., Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Manfroí, E. C., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2017). Práticas parentais: associações com desempenho escolar e habilidades sociais. *Psicologia Argumento*, 32(78), doi: 89-100.10.7213/psicol.argum.32.078.AO04.

- Mello, M. T., Boscolo, R. A., Esteves, A. M., & Tufik, S. (2005). O exercício físico e os aspectos psicobiológicos. *Rev Bras Med Esporte*, *11*(3), 203-207. doi: 10.1590/S1517-86922005000300010.
- Mizoguchi, M. V., Balbim, G. M., & Vieira, L. F. (2013). Estilo parental, motivação e satisfação de atletas de beisebol: um estudo correlacional. *Journal of Physical Education*, *24*(2), 215-223. doi: 10.4025/reveducfis.v24i2.16282.
- Momesso, C. T., Verardi, C. E. L., Arthuso, F. Z., Silva, F. S. C., Rodrigues, R. N., Hirota, V. B., & Maffei, W. S. (2016). Percepção de jovens atletas sobre o envolvimento dos pais em relação à sua participação esportiva. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, *16*(1), 66-73.
- Mota, J., & Sallis, J. F. (2002). *Actividade física e saúde: Factores de influência da actividade física nas crianças e nos adolescentes*. Porto: Campo das Letras.
- Nascimento Junior, J. R. A., Pizzo, G. C., Granja, C. T. L., Oliveira, D. V., Amorim, A. C., & Vieira, L. F. (2017). Suporte parental e motivação dos jogadores da seleção brasileira de Futsal. *RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, *9*(34), 229-237.
- Pacheco, C. H. (2009). Motivação à prática regular de atividades esportivas: um estudo com praticantes de escolinhas de futebol e futsal (13 a 17 anos) (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Brasil.
- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. O. B., & de Almeida Schneider, A. M. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação perspectiva dos adolescentes. *Psico*, *39*(1), 66-73.

- Paim, M. C. C. (2001). Motivos que levam adolescentes a praticar o futebol. *Revista Digital*, 7(43).
- Pires, R. T. (2017). Fatores motivacionais para a prática do futebol feminino em dois clubes profissionais na cidade de Porto Alegre (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Brasil
- Pizzo, G. C., Contreira, A. R., Siteo, S. A., Moreira, C. R., Caruzzo, A. M., & Vieira, L. F. (2016). Estilos de suporte parental para a prática esportiva: uma investigação em jovens atletas brasileiros. *Journal of Physical Education*. 85(2), 92-101.
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico*, 38(3), 292-299.
- Ribeiro, A. R. M. (2014). *Relação dos estilos parentais com a motivação no desporto: estudo com atletas da escola de Futebol Dragon Force* (Dissertação de mestrado). Universidade Portucalense: Porto, Portugal.
- Rinhel-Silva, C. M., Constantino, E. P., & Rondini, C. A. (2012). Família, adolescência e estilos parentais. *Estudos de Psicologia*, 29(2), 221-230. doi: 10.1590/S0103-166X2012000200008.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000a). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. *Contemporary educational psychology*, 25(1), 54-67.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000b). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American psychologist*, 55(1), 68-78.

- Serrano, J., Silveira, P., Lucas, M., & Honório, S. (2017). A opinião de jovens futebolistas sobre o envolvimento parental na sua prática desportiva. *RBBF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 9(33), 206-217.
- Silva, P. V. C., & Costa Jr, A. L. (2011). Efeitos da atividade física para a saúde de crianças e adolescentes. *Psicologia Argumento*, 29(64), 41-50.
- Silva, P. V. C., & Fleith, D. S (2018). Fatores familiares associados ao desenvolvimento do talento no esporte. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 3(1), 19-41. doi: 10.31501/rbpe.v3i1.9290.
- Staudt, A. C. P. (2007). Novos tempos, novos pais?: O ser pai na contemporaneidade (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Brasil.
- Teixeira, F. L. S., & Caminha, I. O. (2013). Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. *Movimento*, 19(1), 265-287. doi: 10.22456/1982-8918.3094.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3(1), 01-12.
- Teixeira, M. A. P., & Lopes, F. M. M. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, (22), 51-62.
- Teques, P., & Serpa, S. (2013). Envolvimento parental no desporto: Bases conceptuais e metodológicas. *Revista de psicología del Deporte*, 22(2), 533-539.

- Todisco, W., Guilherme, F., Fernandes, C., dos Santos, S., Ravagnani, R., Barbosa, W., Vecchio, F. B. D., & Rinaldi, W. (2017). Nível de atividade física e apoio social dos pais e amigos em escolares da rede pública. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 22(5), 457-463. doi: 10.12820/rbafs.v.22n5p457-463.
- Vasconcelos-Raposo, J., Teixeira, C., Lima, A., & Monteiro, I. (2015). Atividade física e estilos educativos parentais. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16(2), 129-147. doi: 10.15309/15psd160201.
- Ventura, T. S., & Hirota, V. B. (2009). Futebol e salto alto: por que não?. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 6(3), 155-162.
- Vieira, L. F., Mizoguchi, M. V., Junior, E. G., & Garcia, W. F. (2013). Estilos parentais e motivação em atletas jovens de futebol de campo. *Pensar a Prática*, 16(1), 183-196. doi: 10.5216/rpp.v16i1.16539.
- Vieira, L. F., Nascimento Junior, J. R. A., & Vieira, J. L. L. (2013). O estado da arte da pesquisa em Psicologia do Esporte no Brasil. *Revista de psicología del deporte*, 22(2), 501-507.
- Vissoi, J. R. N., Fiordelize, S. S., de Oliveira, L. P., & do Nascimento Junior, J. R. A. (2013). A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. *Psicologia-Teoria e Prática*, 15(1), 145-156.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
NÚCLEO DE PESQUISAS E INTERVENÇÕES
COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS - NuPICC

Prezad@s pai/mãe/responsável,

O Núcleo de Pesquisas e Intervenções Cognitivo-Comportamentais – NuPICC da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) está realizando, na escola/clube esportivo da sua filha uma pesquisa intitulada "Motivação e Percepção de Estilos Parentais de meninas praticantes de futebol", que tem como objetivo investigar os níveis de motivação para a prática esportiva e a percepção do apoio parental de meninas que praticam futebol em uma escola de iniciação esportiva de Porto Alegre/RS. Não é provável que responder ao questionário nas dependências da escola/clube traga danos à sua filha, exceto a disponibilização de 30 minutos para preenchê-lo. Entretanto, caso ela sinta-se desconfortável, poderá desistir de participar a qualquer momento ou entrar em contato com a pesquisadora após a realização do estudo. Se for necessário, a pesquisadora poderá encaminhá-la a um serviço de atendimento psicológico.

Garantimos anonimato e rigoroso sigilo, omitindo qualquer informação que possa identificá-las ao divulgar os resultados obtidos. Os dados serão armazenados na UFRGS por 5 anos, sem identificação dos respondentes, e apenas as pesquisadoras responsáveis terão acesso. A participação da sua filha é importante para contribuir para o conhecimento científico sobre o tema. É necessário que este documento, após assinado, seja devolvido para que ela possa participar.

Quaisquer dúvidas relativas a este estudo poderão ser esclarecidas através do telefone (51) 99131-9224 (Marjorie Tischer), (51) 99251-6438 (Ana Cristina Garcia Dias - professora orientadora e coordenadora do NuPICC), do e-mail marjorietischer@gmail.com ou no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, localizado na rua Ramiro Barcelos, nº 2600, Porto Alegre-RS. Quanto aos aspectos éticos, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Porto Alegre/RS – Telefone: 33085698).

Atenciosamente,

Marjorie Inhaquite Tischer

Local e data

Consinto que minha filha, _____, participe da pesquisa intitulada "Motivação e Percepção de Estilos Parentais de meninas praticantes de futebol" e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do responsável

Local e data

Anexo B - Termo de assentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE PSICOLOGIA NÚCLEO DE PESQUISAS E INTERVENÇÕES COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS - NuPICC

Você está sendo convidada para participar da pesquisa "Motivação e Percepção de Estilos Parentais de meninas praticantes de futebol". Queremos saber como você se sente em relação à prática do futebol. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita nas dependências da escola/clube esportivo, onde as alunas adolescentes responderão a alguns questionários e perguntas. O uso dos questionários e a respostas às perguntas são considerados seguros, mas você deverá disponibilizar 30 minutos para respondê-los. Caso se sinta desconfortável durante ou depois da pesquisa, você pode nos procurar pelos telefones (51) 99131-9224 (Marjorie Tischer), (51) 99251-6438 (Ana Cristina Garcia Dias - professora orientadora e coordenadora do NuPICC). Se for necessário, a pesquisadora poderá encaminhá-la a um serviço de atendimento psicológico.

Existem benefícios na sua participação nesta pesquisa, como contribuir para o conhecimento sobre o tema e para a idealização de ações de intervenção que visem melhorar o bem-estar de meninas que praticam futebol.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os participantes. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me ligar através do telefone (51) 99251-6438.

_____, ____ de _____ de _____.

Eu, _____, aceito participar da pesquisa "Motivação e Percepção de Estilos Parentais de meninas praticantes de futebol" e declaro estar ciente do objetivo. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura da aluna

Assinatura da pesquisadora

Anexo C - Termo de Concordância Institucional



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE PSICOLOGIA NÚCLEO DE PESQUISAS E INTERVENÇÕES COGNITIVO-COMPORTAMENTAIS - NuPICC

Prezad@s Eduarda Marranghello Luizelli e David Junior da Silva,

O Núcleo de Pesquisas e Intervenções Cognitivo-Comportamentais (NuPICC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) convida a escola/clube esportivo supracitado a estabelecer uma parceria para o desenvolvimento da pesquisa para um trabalho de conclusão de curso cujo o título inicial é "Motivação e Percepção de Estilos Parentais de meninas praticantes de futebol", que tem como objetivo investigar os níveis de motivação para a prática esportiva e a percepção do apoio parental de meninas que praticam futebol em uma escola de iniciação esportiva de Porto Alegre/RS. Sua participação envolve a concordância da escola/clube para a realização da pesquisa por meio da aplicação de instrumentos e realização de entrevistas com as atletas com idades entre 12 e 16 anos. Ao final da pesquisa, a estudante fará um relatório específico para a escola e estará à disposição para a apresentação dos resultados dos dados coletados para a equipe de profissionais da instituição.

A participação da escola/clube é voluntária e a instituição pode recusar-se a participar ou desistir a qualquer momento. Futuramente será solicitada, aos pais das alunas, a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que explica os objetivos da pesquisa, bem como garante sigilo, anonimato e possibilidade de desistência a qualquer momento. Nas divulgações dos resultados, a identidade da escola/clube e das atletas participantes será mantida em sigilo, omitindo-se todas as informações que possam identificá-las. Os dados serão armazenados na UFRGS por 5 anos, sem identificação dos respondentes, e apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso. Os procedimentos previstos obedecem aos Critérios de Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Quaisquer dúvidas relativas a este estudo poderão ser esclarecidas através do telefone (51) 99131-9224 (Marjorie Tischer), (51) 99251-6438 (Ana Cristina Garcia Dias - professora orientadora e coordenadora do NuPICC), do e-mail marjoretischer@gmail.com ou no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, localizado na rua Ramiro Barcelos, nº 2600, Porto Alegre-RS. Quanto aos aspectos éticos, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Porto Alegre/RS – Telefone: 33085698).

Atenciosamente,

Marjorie Inhaquite Tischer

Local e data

Prof. Dr. Ana Cristina Garcia Dias
Pesquisadora Responsável

Consinto com a participação da escola/clube que dirijo nesta pesquisa e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura da Gerente de Futebol

Nome e assinatura do Treinador

Anexo D - Ficha de caracterização dos participantes

Este questionário faz parte de um estudo que investiga a motivação e percepção de estilos parentais entre meninas que praticam futebol. Gostaríamos de contar com a sua colaboração para responder com atenção a todas as questões. É muito importante que você seja sincera ao responder.

1. Idade:

2. Sexo: Feminino Masculino Outro

3. Ano escolar:

4. Cor ou raça: Negra Branca Parda Indígena Amarela

5. Você é portador de alguma deficiência? Não Sim. Qual?

6. Estado civil: solteiro namorando

7. Você trabalha? Não Sim, apenas um turno por dia Sim, em dois turnos por dia

8. Você está recebendo algum tipo de bolsa estudantil? Não Sim. Qual tipo?

9. Você mora com:

mãe e/ou pai (e irmãos, se tiver) com irmã(o)s

outros parentes (avós, tios...) sozinho com amigos

outra situação de moradia. Qual?

10. Qual o nível de escolaridade de sua mãe? Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo Ensino Médio incompleto

Ensino médio completo Ensino superior incompleto

- Ensino superior completo Pós-graduação

11. Qual o nível de escolaridade de seu pai? Ensino fundamental incompleto

- Ensino fundamental completo Ensino Médio incompleto

- Ensino médio completo Ensino superior incompleto

- Ensino superior completo Pós-graduação

12. Em salários mínimos, qual é a renda da sua família (considerando você e as com quem você reside):

- Entre 1 e 3 salários mínimos Entre 4 e 6 salários mínimos

- Entre 7 e 10 salários mínimos Mais de 10 salários mínimos

13. Você já recebeu algum tipo de diagnóstico realizado por psicólogo ou psiquiatra?

- Não Sim. Qual?

14. Você faz uso de alguma substância? Não Sim. Qual?

15. Tempo de prática do futebol:

Anexo E - Inventário de motivação à prática regular de atividade física - IMPRAF-54

(Barbosa & Balbinotti, 2006, p. 83-85)

Este inventário visa conhecer melhor as motivações que o levam a realizar (ou o mantém realizando) atividades físicas. As afirmações (ou itens) descritas abaixo podem ou não representar suas próprias motivações. Indique, de acordo com a escala abaixo, o quanto cada afirmação representa sua própria motivação para realizar uma atividade física. Note que, quanto maior o valor associado a cada afirmação, mais motivadora ela é para você. Responda todas as questões de forma sincera, não deixando nenhuma resposta em branco.

1- Isto me motiva pouquíssimo

2- Isto me motiva pouco

3 - Mais ou menos/Não sei dizer/Tenho dúvida

4 - Isto me motiva muito

5 - Isto me motiva muitíssimo

REALIZO ATIVIDADES FÍSICAS PARA...

1. diminuir a irritação	7. ter sensação de repouso
2. adquirir saúde	8. melhorar a saúde
3. encontrar amigos	9. estar com outras pessoas
4. ser campeão no esporte	10. competir com os outros
5. ficar com o corpo bonito	11. ficar com o corpo definido
6. atingir meus ideais	12. alcançar meus objetivos

<p>13. ficar mais tranquilo</p> <p>14. manter a saúde</p> <p>15. reunir meus amigos</p> <p>16. ganhar prêmios</p> <p>17. ter um corpo definido</p> <p>18. realizar-me</p>	<p>19. diminuir a ansiedade</p> <p>20. ficar livre de doenças</p> <p>21. estar com os amigos</p> <p>22. ser o melhor no esporte</p> <p>23. manter o corpo em forma</p> <p>24. obter satisfação</p>
<p>25. diminuir a angústia pessoal</p> <p>26. viver mais</p> <p>27. fazer novos amigos</p> <p>28. ganhar dos adversários</p> <p>29. sentir-me bonito</p> <p>30. atingir meus objetivos</p>	<p>31. ficar sossegado</p> <p>32. ter índices saudáveis de aptidão física</p> <p>33. conversar com outras pessoas</p> <p>34. concorrer com outros</p> <p>35. tornar-me atraente</p> <p>36. meu próprio prazer</p>
<p>37. descansar</p> <p>38. não ficar doente</p> <p>39. brincar com meus amigos</p> <p>40. vencer competições</p> <p>41. manter-me em forma</p> <p>42. ter a sensação de bem-estar</p>	<p>43. tirar o estresse mental</p> <p>44. crescer com saúde</p> <p>45. fazer parte de um grupo de amigos</p> <p>46. ter retorno financeiro</p> <p>47. manter um aspecto físico</p> <p>48. me sentir bem</p>
<p>49. ter sensação de repouso</p> <p>50. viver mais</p> <p>51. reunir meus amigos</p> <p>52. ser o melhor no esporte</p> <p>53. ficar com o corpo definido</p> <p>54. realizar-me</p>	

FOLHA DE RESPOSTAS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Sexo:

Idade:

Data:

**Transformar Escores Brutos (B)
em Percentis**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	V	B
<input type="text"/>										
7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41
43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53

		CE	SA	SO	CO	ES	PR		
99		<input type="text"/>		99					
95		<input type="text"/>		95					
90		<input type="text"/>		90					
85		<input type="text"/>		85					
80		<input type="text"/>		80					
75		<input type="text"/>		75					
70		<input type="text"/>		70					
65		<input type="text"/>		65					
60		<input type="text"/>		60					
55		<input type="text"/>		55					
50		<input type="text"/>		50					
45		<input type="text"/>		45					
40		<input type="text"/>		40					
35		<input type="text"/>		35					
30		<input type="text"/>		30					
25		<input type="text"/>		25					
20		<input type="text"/>		20					
15		<input type="text"/>		15					
10		<input type="text"/>		10					
05		<input type="text"/>		05					
01		<input type="text"/>		01					

Anexo F - Escala de Estilos Parentais (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004, p. 12)

Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de pais e mães. Para cada uma delas marque, à direita, a resposta que melhor se aproxima à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Você pode usar os números 0, 1, 2, 3 e 4 dependendo da frequência ou intensidade com que ocorrem as situações descritas nas frases (quanto maior o número, mais frequente ou intensa é a situação). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (1, 2 e 3) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 0 e 4. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta. Chave de respostas: (quase nunca ou bem pouco) 0 — 1 — 2 — 3 — 4 (geralmente ou bastante)

<i>A respeito de seus pais considere as seguintes frases:</i>	<i>MÃE</i>	<i>PAI</i>
1. Sabe aonde vou quando saio de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
2. Controla as minhas notas no colégio.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
3. Exige que eu vá bem na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
4. Impõe limites para as minhas saídas de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
5. Me cobra quando eu faço algo errado.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
6. Tem a última palavra quando discordamos sobre um assunto importante a meu respeito.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
7. Controla os horários de quando eu estou em casa e na rua.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
8. Faz valer as suas opiniões sem muita discussão.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
9. Exige que eu colabore nas tarefas de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
10. Me cobra que eu seja organizado(a) com as minhas coisas.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
11. É firme quando me impõe alguma coisa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
12. Me pune de algum modo se desobedeço uma orientação sua.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
13. Posso contar com a sua ajuda caso eu tenha algum tipo de problema.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
14. Me incentiva a que eu tenha minhas próprias opiniões sobre as coisas.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
15. Encontra um tempo para estar comigo e fazemos juntos algo agradável.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
16. Me explica os motivos quando me pede para eu fazer alguma coisa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
17. Me encoraja para que eu melhore se não vou bem na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
18. Me incentiva a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
19. Se interessa em saber como eu ando me sentindo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
20. Ouve o que eu tenho para dizer mesmo quando não concorda.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
21. Demonstra carinho para comigo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
22. Me dá força quando eu enfrento alguma dificuldade ou decepção.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
23. Mostra interesse pelas coisas que eu faço.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
24. Está atenta(o) às minhas necessidades mesmo que eu não diga nada.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4

Anexo G - Entrevista semiestruturada

Apresentação do questionário (*rapport*): “Agora vou fazer algumas perguntas abertas sobre a suas experiências no futebol. Não existem respostas certas nem erradas. É importante que você responda com sinceridade. Podemos conversar por quanto tempo você quiser.”

1. Como você iniciou a prática do futebol?
2. O que o futebol significa para você?
3. O que o seu pai acha de você jogar futebol? Alguma vez isso já foi diferente?
4. O que a sua mãe acha de você jogar futebol? Alguma vez isso já foi diferente?
5. De modo geral, seus pais apoiam a sua prática de futebol? Se sim, como?
6. Alguém já te disse que você não deveria jogar futebol?
7. O que você conhece do futebol feminino no Brasil?
8. Você acha que seguirá praticando o futebol durante a vida adulta?